

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Darlene Marina Vieira

**Arte e Resistência:
Mulheres Negras no Movimento Hip Hop do Grande ABC**

**São Paulo
Fevereiro de 2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Arte e Resistência:
Mulheres Negras no Movimento Hip Hop do Grande ABC**

Darlene Marina Vieira

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos
Culturais.

Orientador: Prof. Dr Dennis de Oliveira

São Paulo
Fevereiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as entrevistadas por me concederem tempo e espaço e, o mais importante, suas vozes que me inspiram e instigam a seguir nesse caminho de resistência, nos mínimos detalhes.

Agradeço aos espaços nos quais estive: Batalha Dominação, Casa do Hip Hop de Diadema, Casa da Dona Maria, Praça CEU das Artes e os lares de Alinega e Ursinha, que me acolheram com carinho.

Agradeço às parceiras que o CELACC me proporcionou em especial Andrea Rosas, Aline Soares e Beatriz Ascensão.

Agradeço à mulher que me deu a vida, minha mãe, Marlene Marina Vieira.

Agradeço ao meu orientador, Dennis de Oliveira.

Agradeço a pessoa que me motivou e esteve ao meu lado desde a concepção do projeto de pesquisa, ressaltando nos momentos de dúvida e instabilidade a minha capacidade e potencial, Eric Silva.

ARTE E RESISTÊNCIA: MULHERES NEGRAS NO MOVIMENTO HIP HOP DO GRANDE ABC¹

Darlene Marina Vieira²

Resumo: A reflexão sobre o lugar em que se encontra a mulher negra socialmente é indispensável em todos os âmbitos. O Movimento Hip Hop que tem em sua origem caráter de resistência, reproduz a lógica racista patriarcal heteronormativa? Por meio de entrevistas com representantes do Movimento Hip Hop do Grande ABC, especificamente, objetiva-se verificar se a trajetória e enfrentamentos dessas mulheres nesse contexto tem caráter de resistência; entender a motivação para que elas se tornassem parte do Movimento Hip Hop bem como seu significado e, apontar as opressões sofridas por elas no dia a dia e, consequentemente nesse enquadramento.

Palavras-chave: Movimento Hip Hop; Mulheres Negras; Resistência.

Abstract: The reflection about the place where the black woman is socially, is indispensable in all spheres. Does the Hip Hop Movement, which has its character of resistance as its origin, reproduce the racist patriarchal heteronormative logic? Through interviews with representatives of the Hip Hop Movement of Grande ABC, specifically, it aims to verify if the trajectory and confrontations of these women in this context have a resistance character; understand the motivation for them to become part of the Hip Hop Movement as well as its meaning, and to point out the oppressions suffered in the day by day by them and, consequently, in this framework.

Key-words: Hip Hop Movement; Black Women; Resistance.

Resumen: La reflexión sobre el lugar en que se encuentra la mujer negra socialmente es indispensable en todos los ámbitos. El Movimiento Hip Hop que tiene en su origen carácter de resistencia, reproduce la lógica racista patriarcal heteronormativa? Por medio de entrevistas con representantes del Movimiento Hip Hop del Grande ABC, específicamente, se objetiva verificar si la trayectoria y enfrentamientos de esas mujeres en ese contexto tiene carácter de resistencia; entender la motivación para que ellas se convirtieran en parte del Movimiento Hip Hop así como su significado y, apuntar las opresiones sufridas en el día a día por ellas y, consecuentemente en ese encuadramiento.

Palabras clave: Movimiento Hip Hop; Mujeres negras; Resistencia.

¹ Arte e Resistência na Atualidade: Mulheres Negras no Movimento Hip Hop do Grande ABC.

² Darlene Marina Vieira é bacharela em Lazer e Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades - USP Leste e pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino Americanos de Cultura e Arte - CELACC/ECA/ USP.

1. INTRODUÇÃO

As mulheres negras na sociedade contemporânea, mesmo com os diversos avanços quanto à restituição de suas humanidades, ainda vivenciam enfrentamentos com relação ao seu enquadramento social. Essa situação é reflexo do processo pelo qual se deu a formação étnico-social do Brasil e perpassa todas as esferas sociais. Seja sutilmente ou das formas mais agressivas, essas mulheres sofrem opressões diárias que não se resumem aos discursos machistas e racistas, resultando o risco de vida.³

No que diz respeito a estar à margem na divisão social, está o Movimento Hip Hop. Inserido na Cultura Periférica⁴, se constitui como possibilidade de lazer e principalmente de resistência para os jovens oriundos das periferias, que vivem sob uma lógica de desigualdades e violências em razão do processo colonizatório e seus desdobramentos. Em relação às mulheres, mesmo sendo fato que elas estão presentes e são atuantes nesse espaço majoritariamente ocupado pelos homens, desde seu surgimento, tem suas vozes, habilidades e produções artísticas, como um todo ofuscadas e subalternizadas⁵. (JUNIOR, 2017)

O Movimento Hip Hop no Brasil teve início na década de 1980, especificamente no centro da cidade de São Paulo, no Largo São Bento e na Praça Roosevelt. Sua disseminação alcançou as cidades no entorno, incluindo as do Grande ABC⁶, região onde a produção cultural das mulheres periféricas está presente embora não tenha a mesma visibilidade que a produção dos homens. Portanto, esse contexto carece de um olhar analítico para a compreensão do fenômeno e identificar se o mesmo tem caráter de resistência.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p. 21) ser mulher negra na conjuntura da atualidade conta com aspectos ligados à hegemonia estruturada pelo racismo patriarcal heteronormativo. Sendo assim, segundo a autora, a categoria “mulher” não pode ser

³ Ler Pelo menos 21 casos de feminicídio ocorreram na primeira semana de 2019. Brasil de Fato, Rute Pina, 08 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/08/pelo-menos-21-casos-de-feminicidios-ocorreram-na-primeira-semana-de-2019/>> Acesso em: 14 fev. 2019

⁴Cultura Periférica é um desdobramento da Cultura Popular: “expressão dos dominados”, integração de consciência e conjunto de práticas contra-hegemônicas. Ler Marilena Chauí, Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil, 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁵ Ler Djamila Ribeiro, O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2017.

⁶ Grande ABC integra a região metropolitana de São Paulo e é o conjunto das seguintes cidades: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

universalizada, bem como o conhecimento e a produção artística não podem ser hierarquizados. A mulher negra e sua voz, em sua pluralidade, são portadoras de legitimidade.

Diante do exposto, esta pesquisa pretende entender se a participação das mulheres negras no Movimento Hip Hop da região do Grande ABC é uma forma de resistência cultural em relação à questão étnica e de gênero, verificando as temáticas abordadas nos seus discursos e conseqüentemente em suas produções artísticas.

Para tanto, a metodologia foi a de realizar entrevistas com mulheres negras integrantes do Movimento Hip Hop do Grande ABC a fim de, com base em seus relatos, compreender se suas trajetórias e enfrentamentos nesse contexto têm caráter de resistência, a partir do entendimento da motivação para que se identificassem com o Movimento Hip Hop e o significado do mesmo para elas, apontando as opressões sofridas no dia a dia e conseqüentemente nesse enquadramento.

A diretriz foi investigar se o Movimento Hip Hop realmente é tido pelas artistas como espaço detentor de mecanismos capazes de possibilitar a manifestação em oposição à realidade da mulher negra na sociedade em prol da mudança de tal cenário.

No segundo tópico, seguinte a esta introdução, apresenta-se o contexto no qual está inserido Movimento Hip Hop, sua origem e o questionamento sobre o lugar de fala das mulheres nesse nicho social. A fim de embasar a discussão proposta, no terceiro tópico são trazidos os conceitos teóricos utilizados. No quarto tópico, explica-se a metodologia utilizada, no caso entrevistas semiestruturadas, e o porquê de sua escolha. Em seguida, no quinto tópico a partir dos relatos coletados, são analisados os apontamentos feitos, a hipótese, justificativa e objetivo das mesmas e como se articulam dentro da perspectiva abordada: a da mulher negra no Movimento Hip Hop.

2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Diante da concepção eurocentrada e branca da Cultura dominante, a Cultura Negra, subalternizada e folclorizada, ganha caráter de resistência em suas diversas manifestações⁷. Nesse universo está inserido o Movimento Hip Hop, surgido nos Estados Unidos, em Nova

⁷ Sobre o processo colonizatório, consultar Aníbal Quijano: *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005

Iorque, bairro do Bronx, nos anos 1970, em um contexto turbulento de exclusão e segregação social que envolvia a juventude afro-americana e hispânica, contestando tal realidade.

Os conflitos entre gangues transformaram-se em competições dançantes com a chegada dos bailes black, nos quais estavam unidos dança (Break) e a música (Rap), inserida nos guetos através do DJ (Disc-jóquei), possibilitando, segundo Andrade (1999, p. 86) “canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade, centralizando-as na produção artística.”

No Brasil, seu surgimento também foi precedido pelos bailes black que aconteciam com foco na valorização da Cultura Negra, na afirmação da identidade negra, entre as décadas de 1960 e 1970. No início da década de 1980, os primeiros grupos de dançarinas e dançarinos de Break, conhecidos como B.girls e B.boys, passaram a ocupar as ruas do centro da cidade de São Paulo, na região do Largo da Igreja São Bento e na sequência os primeiros MCs (Mestres de Cerimônias) que agitavam os bailes e danças citadas. Grafiteiros também se faziam presentes com suas pinturas, que no início eram, principalmente, formas de demarcação de território. Na década de 1990, a eclosão das posses, definidas como agrupamentos de cunho pedagógico relacionados ao Movimento e suas temáticas, possibilitou ao Hip hop um caráter mais político, com forte contestação social e racial. (JUNIOR, 2017)

Composto pelos elementos Break, DJ, Grafite, Rap e Conhecimento, as práticas do Hip Hop foram constituídas nas ruas e, em conjunto, fazem o Movimento ser estético-político. (SILVA, 1999).

A resistência apoiada no Movimento Hip Hop parte do pressuposto de que a revolução se dá por meio da utilização das palavras, da tomada de consciência e das atitudes “e que em termos gerais significam: orgulho da raça negra e lealdade para com os irmãos de etnia e de pobreza. (KEHL, 1999, p. 96)

O Hip hop surge também como forma de lazer frente à escassez de equipamentos relacionados e também de cultura nas periferias, configuração essa que vivemos, e evidenciamos até hoje, seja no Brasil ou nos Estados Unidos, país de origem do Movimento Hip Hop. Tornou-se instrumento para falar do cotidiano, das violências sofridas, sobre as

condições de vida precárias, a ausência de educação de qualidade, conflitos raciais e para contestar opressões de gênero. (JUNIOR, 2017)

Diante do cenário apresentado e considerando que a sociedade é opressora, ser político e produzir discursos contra-hegemônicos é fundamental. É possível afirmar que promover tal reflexão sobre o Movimento Hip Hop é pertinente pois, por si só, ele tem caráter de resistência, porém é necessária a discussão a respeito do lugar de fala das mulheres negras, em virtude da consciência de sua subalternização na sociedade e a consequente necessidade de contribuição para tornar nítida essa realidade.

Abordar as barreiras e enfrentamentos das mulheres negras no Movimento Hip Hop com o enfoque na região do Grande ABC, torna-se um mecanismo de cooperação para mudança, e também para promover maior visibilidade da trajetória e produção dessas artistas.

Objetiva-se, portanto, identificar as barreiras enfrentadas por essas mulheres relacionadas à questão étnica e de gênero, investigar a relação com a Cultura Hip Hop, identificando-a como ferramenta de resistência e verificar as temáticas abordadas nas produções artísticas, no que se refere ao lugar de fala e espaço ocupado por essas mulheres no Movimento Hip Hop do Grande ABC e na sociedade.

3. MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

O processo colonizatório no território conhecido como América Latina fez-se possível a partir da ideia de raça constituída como referência às estruturas biológicas que supostamente diferenciavam colonizadores e colonizados, criando e redefinindo identidades sociais. Tornou assim legítimas as relações de dominação, pois, a partir de sua definição, raça e identidade racial transformaram-se em instrumentos de classificação básica da população. A hierarquia étnico-racial passou a estabelecer os espaços que poderiam ser ocupados e os papéis assumidos por cada segmento na sociedade. (QUIJANO, 2005)

Ainda segundo Aníbal Quijano (2005, p. 132) em seu artigo *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*, desde o princípio do processo de Colonização na América, a população trazida forçadamente da África e que posteriormente foi definida como negra, foi a mais explorada pois a economia local era praticamente em sua totalidade escravocrata. Os povos africanos eram “naturalmente” obrigados a trabalhar para os então definidos como

brancos e, por essa razão, não eram dignos de salários. Sinal da perpetuação de tal determinação colonizadora na divisão do trabalho, por exemplo, é atualmente nos depararmos com a diferença de cargos desempenhados e remuneração salarial entre brancos e negros⁸.

Além do padrão de poder capitalista que seguiu os moldes da colonialidade, houve também a colonização subjetiva dos povos dominados. Instaurou-se uma só ordem cultural pautada pela hegemonia da Europa. Nesse movimento, houve a repressão das demais formas de produção de conhecimento, de seus padrões de expressão, da Cultura em si e, no caso da advinda do território identificado geoculturalmente como África, era tida como subalterna. Tais populações ditas inferiores foram ainda compelidas a assimilar a Cultura dominante a fim de tornar perene sua dominação. (QUIJANO, 2005)

Podemos citar Frantz Fanon ao relatar a tomada de consciência de um malgaxe de sua alteridade com o branco, em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, no que toca à questão da dominação da subjetividade e da consequente inferioridade psicológica dos sujeitos dominados:

“[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (Fanon, 2008, p. 94)

Notoriamente, o padrão racista que nega humanidades é criador da inferiorização desses sujeitos dominados. Racismo este que “constituiu-se como ciência da superioridade eurocristã, (branca e patriarcal)”, como declarado por Lélia González na introdução de sua obra *A categoria político-cultural de amefricanidade*. (GONZÁLEZ, 1988, p. 71)

Ainda citando a autora, diante da resistência dos povos dominados, surgem mecanismos para que sejam mantidas a exploração e a opressão. O Racismo tem, por conseguinte, as seguintes faces: o racismo aberto que define a pessoa negra como aquela que tem antepassados negros e segundo o qual a miscigenação não é algo possível; racismo de segregação explícita que, como o próprio nome o intitula, reforça a identidade racial; e o

⁸ Ler “Viver em São Paulo: Relações Raciais na Cidade” Rede Nossa São Paulo e Ibope Inteligência, 2018. Disponível em: <https://32xsp.org.br/2018/11/13/relacoes- raciais-na-cidade/>. Acessado em 13 de novembro de 2018.

disfarçado, que inacreditavelmente apresenta uma forma efetiva de alienação e persuasão dos povos dominados, pautado pela miscigenação, assimilação e que enuncia a existência de uma democracia racial fajuta, de forma que foi construída a narrativa de que racismo não existe no Brasil, por exemplo. Por essa razão,

[...] a afirmação de que todos são iguais perante a lei, assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. (González, p. 73, 1988)

Em oposição a esse modelo, González cria a Amefricanidade, termo que contempla a América como um todo se referindo às experiências de mulheres e homens negros no processo da diáspora e às experiências de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial, evidenciando a necessidade de outra lógica de pensamento, produtora de um conhecimento alicerçado nos subalternos, excluídos e marginalizados que, sob esta lógica, poderiam transfigurar-se em sujeitos de sua própria história, tornando-se capazes de enfrentar o Racismo e o Sexismo, que em conjunto resultam drásticos impactos sobre a mulher negra, principalmente. (CARDOSO, 2014)

Diante da realidade com a qual nos deparamos a partir de toda a lógica que rege a sociedade, descolonizar o pensamento, deixar de seguir as identidades criadas, legitimadas e deslegitimadoras permite combater a estrutura de opressão instituída. Nesse caminho, é importante elucidar o lugar no qual se encontram as mulheres negras socialmente. As desigualdades e opressões anteriormente citadas no que tange aos negros, historicamente as silenciam e desautorizam epistemologicamente. Por essa razão no intuito de restituir as humanidades negadas, é essencial levar em consideração a interseccionalidade, ou seja, raça, identidade de gênero e orientação sexual a fim de “desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa”, como apontado por Djamila Ribeiro em sua obra *O que é Lugar de Fala?*, pois

“mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade.” (RIBEIRO, 2017, p. 39).

Embora sujeitos históricos e políticos, as mulheres negras são objetificadas, como detentoras não de humanidade e sim de uma função: a de serem submissas e dominadas, a partir da hierarquização criada com o machismo e o racismo que lhes garante um lugar de

vulnerabilidade diferente do lugar dos homens negros e das mulheres brancas. Por isso há de se reconhecer tais questões a fim de avançar na mudança dessa realidade provedora de invisibilidade. (RIBEIRO, 2017)

Mas de que invisibilidade se fala a respeito? Invisibilidade que mata não somente biologicamente, mas também na subjetividade a partir do silenciamento, inferiorização capaz de fazer os sujeitos de fato acreditarem que são inferiores como enunciado anteriormente. As opressões estruturais, o lugar social ocupado pelas mulheres negras limita oportunidades, acesso a determinados espaços, produções de cunho intelectual assim como a propagação de seus saberes e vozes. (RIBEIRO, 2017)

É possível sair dessa posição de subalternidade, do não direito à voz? Existiriam ferramentas para a interrupção da voz hegemônica que constitui toda a estrutura social? Sim. Porém, para que tal feito seja possível, indivíduos privilegiados também precisam reconhecer as hierarquias existentes para a manutenção de seus privilégios e combatê-las.

Reivindica-se, portanto, novas perspectivas de abordagem dos acontecimentos que nos trouxeram até aqui enquanto sociedade. Tal movimento se dá a partir da discussão da realidade entre os grupos posicionados em lugares distintos, como por exemplo brancos e negros, mulheres brancas e mulheres negras, homens negros e mulheres negras, e assim sucessivamente. Só assim se faria possível a construção de novos discursos e possibilidades de existência além das que foram firmadas, descontinuando todas hierarquias impostas. (RIBEIRO, 2017).

A partir das ideias apresentadas, busca-se, portanto, trazer à tona a discussão sobre o lugar em que se encontra a mulher negra, inserida no espaço investigado: o Movimento Hip Hop. Pode-se dizer que as artistas protagonizam a resistência através da arte? É possível declarar que elas tem o seu espaço e voz? Tais questões são percebidas a partir das falas das mulheres entrevistadas? Pode-se dizer que a heteronormatividade é observada na convivência dessas mulheres no Hip Hop? A qualidade artística do trabalho dessas mulheres é questionada? Em uma sociedade pautada por abusos e opressões, os questionamentos são muitos e essenciais a fim de escancarar o que acomete a mulher negra, principalmente, periférica.

4. METODOLOGIA

A fim de contribuir com reflexões a respeito da participação da mulher no Movimento Hip Hop, a intenção da pesquisa foi conhecer a atuação das mulheres negras especificamente no Grande ABC sob o ponto de vista de algumas representantes.

Referente à metodologia, vista a complexidade do objeto de pesquisa⁹, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas, que seguiram um roteiro adaptado de acordo com a conversa, com perguntas abertas com o intuito de identificar as barreiras por elas enfrentadas relacionadas à questão étnica e de gênero, investigar se a relação com a Cultura Hip Hop é uma ferramenta de resistência, verificar as temáticas abordadas nas produções artísticas no que se refere ao lugar de fala e espaço ocupado por essas mulheres no Movimento Hip Hop do Grande ABC e na sociedade.

Todo o material coletado foi transcrito e analisado com base em categorias criadas de acordo com os temas abordados, seguindo o roteiro utilizado nas entrevistas que foi elaborado de acordo com os objetivos de pesquisa, relacionados com a questão étnica e de gênero no Movimento Hip Hop.

A aproximação com as entrevistadas foi possível através, a princípio, da comunicação com Joaquim De Oliveira Ferreira vulgo King Nino Brown¹⁰, intermediado por Andrea Rosas¹¹. Nino é uma figura importantíssima no Movimento Hip Hop do Grande ABC, sinal disso é o fato de o mesmo ter sido membro fundador da Zulu Nation Brasil¹², apadrinhado por Africa Bambaataa¹³ e por essa razão tem uma rede de contatos na região.

A ideia inicialmente era entrevistar estritamente uma representante de cada um dos cinco elementos do Movimento Hip Hop porém a busca acabou ocorrendo de forma orgânica,

⁹ Ler Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. FOSSÁ, Maria. SILVA, Andressa. *Qualit@s Revista Eletrônica* ISSN 1677 4280 Vol. 17. No. (2015).

¹⁰ Ler Pesquisador mantém acervo sobre hip hop na própria casa em São Bernardo. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2018/06/15/pesquisador-mantem-acervo-sobre-hip-hop-na-propria-casa-em-sao-bernardo/> Acesso em: ago. 2019

¹¹ Companheira de curso, Produtora Cultural, pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais - CELACC - USP.

¹² “Podemos considerar que a Zulu Nation foi a primeira Organização não Governamental ligada ao movimento hip hop. Sua principal estratégia era atrair jovens da periferia por meio da música, dança e pintura [...]” Hip hop brasileiro. Tribo urbana ou movimento social? Disponível em: <http://www.fapmba.net/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf>. Acesso em 14 fev. 2019)

¹³ Ler “Saiba mais da história de Afrika Bambaataa, um dos ícones do hip hop mundial” Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/o-icone-do-hip-hop-afrika-bambaataa/>>. Acesso em 14 fev. 2019.

no sentido de que foi estabelecida pela pesquisa de potenciais representantes e indicações de contatos.

Curiosamente as entrevistadas percorreram e/ou percorrem por entre os elementos, sentindo-se contempladas e integrantes de mais de um deles que, por exemplo, é o caso de Kessy¹⁴, 17 anos, b.girl, DJ e MC, segunda entrevistada.

A entrevista ocorreu no dia 2 de dezembro de 2018, no seu bairro de residência: Montanhão, em São Bernardo do Campo. Conversamos em uma área de lazer no Morro do Cafezal.

A primeira entrevistada foi Ursinha (Ana Beatriz Santos Silva), 27 anos, grafiteira, residente de Diadema. O encontro ocorreu em sua casa precisamente, no dia 21 de novembro de 2018, intermediado por Mel Zabunov, também grafiteira da região.

A terceira entrevistada foi Drica Back Spin (Adriana Teodoro do Nascimento), 40 anos, educadora e b.girl de Diadema. O primeiro contato foi na Casa de Cultura Hip Hop da cidade em um evento ocorrido no dia 17 de novembro de 2018 e, posteriormente 12 de dezembro foi concedida entrevista na Praça CEU das Artes.

A quarta entrevistada foi Yzalú (Luiza Iara Lopes Silva), 36 anos, MC de São Bernardo do Campo, na primeira edição de 2019 da Batalha Dominação, que acontece às segundas-feiras no Largo São Bento, organizada e protagonizada por todas as categorias de pessoas que se identificam pelo gênero feminino. Na ocasião da entrevista, no dia 21 de janeiro de 2019, houve apresentação da cypher¹⁵ Psicopretas Vol. 2¹⁶, da qual a artista participa.

A quinta entrevistada foi Nenesurreal (Ildenira Lopes de Sales José), 51 anos, grafiteira de Diadema. O local da entrevista foi a Casa da Dona Maria, espaço cultural e de

¹⁴ A mesma não terá o nome completo revelado por opção pessoal

¹⁵ “[...]Cypher é nada menos do que um dos códigos do grupo, que representa a união entre conhecimento, sabedoria e entendimento”. Por Marcos Lauro para a Billboard Brasil em 09/08/2017 Saiba mais em: VOCÊ SABE O QUE É CYPHER, A NOVA ONDA DO RAP NACIONAL? Disponível em: <https://billboard.uol.com.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-cypher-a-nova-onda-do-rap-nacional/> Acesso em 10 de fev. 2019.

¹⁶ Psicopreta Vol. 2 intitula uma chyper integrada pelas artistas Yzalú, Gabi Nyarai, Alinega OCRIME77, Meg Pedroso, Sistah Chilli, Monna Brutal.

resistência localizado no bairro do Taboão em São Bernardo do Campo, na ocasião da Roda AFROfuturista¹⁷ | Arte e Resistência, evento ocorrido no dia 27 de janeiro de 2019.

Participante também da cypher citada acima, o sexto entrevistado¹⁸, Alinega (Aline Costa da Silva), 22 anos, é MC de Santo André. O local da entrevista foi sua residência no Jardim Santa Cristina, no dia 05 de fevereiro de 2019.

5. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Partindo dos objetivos delimitados para a pesquisa, foi feita a análise dos dados coletados e, para melhor entendimento, a mesma foi construída a partir das perguntas que delinearão os temas abordados. As representantes foram enunciadas por suas tags (identificação artística) e suas falas citadas, foram indicadas pelo último sobrenome.

5.1 Trajetória no Movimento Hip Hop

Referente a trajetória das entrevistadas, os caminhos são diversos mas convergem no fato de que foram introduzidas ao universo do Hip Hop por familiares e amigos. Todas vivem ou estão em meios de sobreviver de sua arte que é o que as move.

Ursinha, a primeira entrevistada, adentrou o universo do Movimento Hip Hop a partir do incentivo de uma amiga grafiteira apesar de seu marido, Moisés Martins, na época namorado ser uma referência por também ser grafiteiro. Sua trajetória iniciou-se no ano de 2010 e desde então a artista vem desenvolvendo suas obras seja nas ruas, eventos de Grafite ou em oficinas ministradas por ela, como relatado.

Ela é atuante somente no Grafite embora seja admiradora dos demais elementos, diferente de Kessy, a segunda entrevistada, que relatou o seguinte: “[...] Então eu comecei dançando, sabe, na verdade eu comecei rimando, depois eu conheci a dança, depois eu conheci o grafite, depois eu conheci o elemento DJ né. Então eu tive oportunidade de passar

¹⁷ Ler DERY, Mark. Black to the Future. In: Dery, Mark. Flame Wars: The Discourse of Cyberculture. Duke University Press, 1994.

¹⁸Recentemente revelou-se como indivíduo não binário. Mais detalhes nos apêndices na íntegra da entrevista.

por todos esses elementos, como ainda estou passando né.” (RODRIGUES, informação verbal)¹⁹

Kessy contou que o Hip Hop no início era algo latente, do qual ela já fazia parte. A tomada de consciência desse pertencimento se deu parcialmente a partir do momento que ela começou a rimar, por volta dos 13 anos de idade. Com 14 anos ela começou a dançar o break. O consequente contato com atuantes no Movimento possibilitou que lhe fosse explicado o que era o Hip Hop.

Ela explicou que sua trajetória [...] é de uma história de primeiramente de aceitação, secundamente, de [...], conhecimento, sabe, do geral, do mundo e em terceiro acho que de união, né com as pessoas que eu conheci, né, através dele.” (RODRIGUES, informação verbal)

Dentre seus planos para o futuro no Movimento, está a vontade de montar seu “Home Studio” para fazer música e possivelmente trabalhar com Rap, “tirar um dinheiro disso”.

Ursinha disse que está no caminho para viver do Grafite e sinal disso é que já está começando a dar oficinas.

Adriana Back Spin, iniciou sua trajetória no Movimento Hip Hop no início dos anos 1990, sendo ela integrante de um grupo de Rap ao lado de sua irmã, Elaine, e mais duas mulheres: Patrícia e Simone (NEPS)²⁰. Além das apresentações, participavam das reuniões da Posse Haussa em São Bernardo do Campo. Relatou também sua participação na Coletânea ABC Rap lançada em 1992 em parceria com a Prefeitura, que reuniu poesias de artistas da região.

Ela relatou que a partir de 1993 eram frequentes os encontros com os jovens da época em espaços como o Centro Cultural Jardim Inamar que fica em Diadema, para discutirem suas produções e o que poderia ser melhoras nas mesmas. Em seguida, Nelson Triunfo, Sueli Chan, Wilson Levy, Marcelinho Back Spin e Toninho Crespo, inauguram as oficinas relacionadas a Cultura Hip Hop em Diadema. Ocorreram também parcerias com a casa Beth

¹⁹ RODRIGUES, Kessely. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [2 de dezembro de 2018]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. São Bernardo do Campo/SP, 2018. 1 arquivo. aac. (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

²⁰ NEPS: sigla formada a partir das iniciais dos nomes das integrantes. (Neguinha, Elaine, Patrícia, Simone).

Lobo, com palestras e também eventos na Praça Kaleman para as mulheres. Segunda ela, os primeiros grupos de rap mulheres surgiram por volta de 1994. Outro marco importante em 1996, foi a realização do espetáculo teatral *Se Liga Mano* com mais de 60 jovens no palco, segundo Drica. A peça foi apresentada novamente em 1998.

Nos anos 2000, ela inicia sua trajetória como arte-educadora que se estende até os dias de hoje. Sobre este processo, ela relatou:

“Eu dei a primeira oficina infantil aqui da cidade. Porque assim, o pessoal antes treinavam, ensaiavam todo mundo junto, independente da idade das crianças, aí eu senti essa necessidade de tá dividindo por faixa etária e uma abordagem totalmente pedagógica, lúdica para as crianças daqui e deu super certo.” (NASCIMENTO, informação verbal)²¹

Ela ainda ministra aulas de break na Casa de Hip Hop de Diadema. Em relação aos seus planos para o futuro, ela pretende aprender novos estilos de dança.

Yzalú começou sua trajetória a partir do contato com o violão, que segundo ela abriu um portal de possibilidades. A experiência de viver na periferia e realidade de opressões lhe remetia ao Rap, para o qual foi apresentada pelo seu irmão e pela família. Ela resolveu então mesclar Rap e violão, a partir dos anos 2000.

Ela relatou que:

[...] a partir do momento que eu entro no Rap, eu me enxergo na possibilidade de fala. Porque em outros gêneros talvez, com o violão na mão sendo uma mulher, oriunda na periferia, preta de pele clara mas consciente da minha existência, de uma mulher preta, é... com uma limitação física, então... então tudo isso me fez entender que talvez o Rap seria o local onde eu poderia ser ouvida, entendeu? (SILVA L., informação verbal)²².

Nenesurreal, grafiteira da primeira escola, iniciou seu percurso no pixo com os amigos, sem grandes pretensões. Uma referência artística foi sua avó que bordava. A arte por um tempo era vista como hobby, mesmo porque ela se formou em Enfermagem, embora contra sua vontade. Só é retomada tal dedicação ao Grafite após sua filha encerrar os estudos. Ingressou instituições diferentes no curso de Artes que a direcionaram através do aprendizado

²¹ NASCIMENTO, Adriana. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [12 de dezembro de 2018]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. Diadema/SP, 2018. 1 arquivo. aac. (28 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

²² SILVA, Luiza. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [21 de janeiro de 2019]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. São Paulo/SP, 2019. 1 arquivo. aac. (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

de técnicas e onde foi incentivada pelos mestres que ela relatou ter encontrado na Academia.

Em relação ao seu lugar no Movimento atualmente, ela relatou:

[...] eu só agradeço às Deusas porque eu venho fazendo muita coisa dentro do Grafite, sabe? Ganhando moeda mesmo... Não é... Não tô... consigo pagar minha comida, consigo pagar as minhas contas, sabe? Então eu venho fazendo bastante coisas. Não vou reclamar disso, sabe? Mas que também não é dentro da Cultura, do Movimento Cultura Hip Hop né, são outros lugares porque eu... não sou uma... uma pessoa fixa porque até nisso... o Movimento, ele demora a me reconhecer enquanto grafiteira. (SALES, informação verbal)²³.

Alinega iniciou sua trajetória através da dança aos 11 anos. O primeiro contato com o Hip Hop foi através de um primo que grafitava e ouvia rap. Em 2009 e 2010, com o boom de rappers como Criolo e Emicida, ela relatou que começou a escutar com mais assiduidade e teve vontade de rimar e começou sua produção artística. Formada em Enfermagem, conheceu TR MC, um dos organizadores da Batalha da Matrix em São Bernardo do Campo com quem formou o Nova Safra, grupo de rap. Desde então está atuante, no Movimento com trabalhos solo e integrante do OCRIME 77 S.A (Organismo Criativo Rejeitado Inicialmente Mero Erro Sociedade Articulada).

Ela relatou que o rap [...] foi uma forma de expressão para mim, foi onde eu conseguia me expressar mesmo e me identificar com outras pessoas que estavam fazendo a mesma coisa e tal, e foi essa motivação. (SILVA C., informação verbal)²⁴.

5.2 Temáticas abordadas nas produções artísticas

Em relação às temáticas abordadas, existe a questão da subjetividade de cada artista, mas todas elas encaminham-se para a auto representação e das realidades vividas.

Ursinha disse levar em consideração a rotina e desejo das pessoas dois locais em que deixa sua marca, tratando-se portanto de um processo adaptativo, de acordo com o entendimento das necessidades do outro.

²³ SALES, Ildenira. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [27 de janeiro de 2019]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. São Bernardo do Campo/SP, 2019. 1 arquivo. aac. (46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

²⁴ SILVA, Aline. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [05 de fevereiro de 2019]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. Santo André/SP, 2019. 1 arquivo. aac. (29 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

Além da expressão, ela também vê no Grafite a possibilidade de representação como percorrido em sua fala: “[...] Então a ursinha é um autorretrato né, acaba sendo um autorretrato, que ela tem um nariz grande, a bochecha grande, cabelos cacheados meio black power que eu faço, então, vem tudo inspirado em mim.” (SILVA S., informação verbal)²⁵

E, devido a sua formação em Pedagogia, ela disse que seu público-alvo, em sua maioria, são as crianças. Ursinha relatou que a maternidade possibilitou uma guinada em sua produção artística, que segundo ela, modificou totalmente após o nascimento do filho: “Comecei a ter mais importância no que eu tava fazendo.” (SILVA S., informação verbal)

Ainda em relação à maternidade, a artista relatou a necessidade de suporte para as mães grafiteiras e a importância que isso tem pois, geralmente a pintura de um muro leva horas e crianças exigem maior atenção e assistência, faltante na maioria das ocasiões devido a estrutura dos locais.

Para Kessy o Hip Hop além de oportunidade de acesso ao conhecimento nos diversos âmbitos assim como para Ursinha, é liberdade de expressão e compreensão do mundo. Segundo ela, “Essa possibilidade de enxergar as coisas sendo quem eu sou, saber das coisas sendo quem eu sou. E ninguém vim desacreditar de mim por eu ser quem eu sou, tá ligado. E é isso mano.” (RODRIGUES, informação verbal).

Referente a sua produção artística, ela citou que sua parte expressiva

“[...] ela pede que eu especifique mas quando se trata de produção artística, eu sempre trato tudo de uma forma geral porque a minha arte é muito livre pra interpretações né.” E por isso, relatou que busca falar “[...] sobre o eu, sobre o interno das pessoas, o mundo particular.” O objetivo segundo ela é alcançar as pessoas independentemente da forma. (RODRIGUES, informação verbal)

Em relação a sua produção artística, Adriana Back Spin contou que a letra de suas músicas [...] sempre abordava essa parte de direitos, deveres né, raça, autoestima... é o que me prendia. Então eu lia bastante, pra quando tivesse com o mic na mão, ter uma qualidade. (NASCIMENTO, informação verbal).

Yzalú informou que sua obra tem

“[...]temas de um olhar, de uma pessoa que tá aí viva, atenta, com olhar vivo, do

²⁵ SILVA, Ana. Mulheres negras no Movimento Hip Hop no Grande ABC. [21 de novembro de 2018]. Entrevista concedida à pesquisadora Darlene Marina Vieira. Diadema/SP, 2018. 2 arquivos. aac. (23 e 22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

agora, sabe? [...] Então é isso, o meu olhar é esse, de uma mulher que vive na sociedade que vive todo esse... Essas opressões diárias mas que não quer só falar de dor. A gente já fala muito de dor, eu quero falar das minhas conquistas agora. Entende? Mas eu vou falar das minhas conquistas para as minhas, elas vão entender e esse é o respirar, e esse é o respiro das possibilidades. De uma mana se enxergar na minha fala reproduzir algo pra ela, pra o bem dela, entende? É isso. (SILVA, L.)

Nenesurreal mencionou que seu trabalho é voltado para a temática do negro, da mulher negra, ou como explanado por ela, sua verdade.

Alinega, última entrevistada, relatou que inicialmente ainda no grupo Nova Safra, como estava em fase de aprendizado, não era uma preocupação extrema o tema das composições. Costumava abordar

[...] questão de favela, voz da favela, na época eu sofria muito com crise de ansiedade, então abordava mais sobre isso nas minhas músicas, o que passa na nossa cabeça sendo uma pessoa periférica, ter de sobreviver, lidar com várias adversidades, colocava isso na minha música e também música de amor. (SILVA, C., informação verbal)

Atualmente, no grupo OCRIME 77 os temas relacionam-se com a materialização de sonhos.

5.3 Barreiras e opressões enfrentadas relacionadas a questão étnica e de gênero dentro e fora do Movimento Hip Hop

No tocante das barreiras e opressões enfrentadas relacionadas a questão étnica e de gênero dentro e fora do Movimento Hip Hop, todas são conscientes e estão em busca da mudança de tal cenário, nos mínimos detalhes, resistindo.

Ursinha ao responder a pergunta sobre opressões no Movimento, ressalta a necessidade das mulheres serem resistentes, falarem o que querem, o que for preciso.

Ela contou que

“Porque ser mulher, grafiteira e negra ainda, diferencia tudo né, tipo já olham diferente. Por ser mulher, você já começa ver, já ouvi comentários do tipo “ah, não vai conseguir, ah tá muito alto pra ela, deixa mais baixo”(em relação ao muro a ser grafitado), tem toda aquela questão né.” (SILVA S., informação verbal).

Para ela todos os elementos do Movimento Hip Hop são machistas. Em relação ao Grafite, ressalta que:

“[...] as mulheres querem sim pintar, querem sim estar presente e as mulheres vão, tão aí em qualquer circunstância, em qualquer lugar, lugar de mulher é onde ela quiser estar e ponto eu acho que é isso. Vamos ser resistentes.” (SILVA S.,

informação verbal)

Kessy no sentido amplo de opressões na sociedade disse sofrer por ser quem é, pela maneira que fala, por exemplo. Relatou: “[...] tenho que ficar provando [...] que eu tenho condições de estar em certos lugares, que eu tenho condições de falar, que eu tenho condições de saber, e eu acho que isso é muito chato. Isso é oprimir, tá ligado.” (RODRIGUES, informação verbal).

Kessy evidencia a necessidade de separar as vertentes do Movimento para falar a respeito das opressões nesse cenário. Para ela o elemento em que mais sentiu dificuldade foi o Rap. Disse não reconhecer os homens machistas como integrantes do Movimento, pois tais atitudes não são condizentes com a ideologia do Hip Hop.

“[...] Então eu mesma não considero esses caras que me desrespeitam numa roda de rima, de freestyle, como meus irmãos, como pessoas da Cultura. Eu não considero porque eles estão me desrespeitando e nunca mano, e nunca que a Cultura Hip Hop vai ensinar isso, muito pelo contrário.” (RODRIGUES, informação verbal)

Yzalú ponderou que é algo clichê tal questionamento e relatou que sofrer opressões e

“[...] É angustiante e incomoda ter que assumir que isso é real mas, a gente é que sofre na pele... é... No entanto, o incômodo revolta? Tá, a partir do momento que você existe nessa Terra, nesse plano, você só existe. Você não tem culpa de você ter cor, você não tem culpa de ser a uma mulher, você não tem culpa da sua sexualidade. Você não tem culpa de nada! Nós apenas existimos. Apenas somos! E os recortes foi nos colocado, impostos. (SILVA, L., informação verbal)

No movimento, segundo ela é óbvio que ela sofre opressões já que viver numa sociedade que é totalmente opressora.

Nenesurreal citou:

Eu só sou exposta primeiro porque sou uma mulher negra, né? É... segundo porque eu sou o que a sociedade não quer ver que é uma mulher se assumir lésbica aos 50 anos. A sociedade não quer me ver. Eu sou a repulsa. Hoje eu sou atacada é... por isso a partir do meu convívio familiar. nos colocado, impostos. (JOSÉ, informação verbal)

Importante pontuar que recentemente Nenesurreal, sofreu um ataque racista e lesbofóbico em um evento na Casa de Cultura do Hip Hop, após fazer um questionamento a respeito do espaço das mulheres naquele ambiente e na pauta que estava sendo discutida. Segundo ela se fosse mulher branca, não teria sido exposta e questionada como foi. Além da violência sofrida, relatou que muitos a procuraram querendo detalhes para aí então acreditar no ocorrido. Em apoio à artista, no dia 16 de fevereiro de 2019 ocorrerá um evento chamado

“Ocupação das Minas” na Casa de Diadema, com uma programação cheia de atrações femininas. De mulheres com foco no público feminino.

Alinega expôs que quando identificava-se como mulher, muitas oportunidades enquanto integrante de um grupo formado por homens, não chegavam a ela. O simples ato de receber pagamento de contratantes, não eram feitos à ela e sim aos demais membros, do sexo masculino. Outro relato que é importante elucidar:

“[...] o público não consome o rap de mulher, é muito, muito raro. São poucas mulheres que vivem bem, por exemplo posso citar Karol Conka, Flora Matos, pouquíssimos nomes. Se a gente colocar aqui em uma mão, ainda vai ser muito, as outras até tem uma visibilidade maior, conseguem sobreviver mas não chega a ser uma cena tão acolhedora pras mulheres quanto é pros homens cis, pros homens héteros cis. E eu acredito sim que tem uma invisibilização, também os estúdios, não sabem trabalhar com mulher, não sabem tratar voz de mulher, não tem paciência pra trabalhar com mulher, entendeu? É mais ou menos por aí assim.” (SILVA C., informação verbal).

5.4 Movimento Hip Hop como Resistência

Todas em algum momento de seus relatos, argumentaram que Movimento Hip Hop é Resistência.

Kessy explanou que:

“[...] a Cultura Hip Hop no que ela é na sua raiz, conversar pra ver quem são essas pessoas, de ver que elas são pessoas prósperas, de bom coração, sabe, pessoas que lutam e resistem, mano. Acima de tudo é resistência, é luta, então a gente não é diferente [...] das pessoas que... estão no movimento de esquerda lutando pelos direitos dos trabalhadores, tá ligado. Não, a gente também tá lutando pelo nosso direito, só que de uma forma diferente.” (RODRIGUES, Informação verbal).

Ursinha, reiterou que “[...] O grafite é para todos né, e para todas né, e que a gente vai continuar ocupando espaço querendo ou não.” (SILVA S., informação verbal)

Segundo Adriana Back Spin a Cultura Hip Hop lhe deu firmeza, lhe serviu de alicerce em relação aos seus desejos e o que poderia conquistar sendo uma mulher negra e periférica.

Yzalú enunciou que

“[...] Você vê mulheres em todos os lugares dentro do Hip Hop, produzindo. Então as mulheres têm se armado com as ferramentas necessárias pra poder... É... Sabe? Remar, enfim. É lógico que a gente ainda não tá a altura do que os caras já conquistaram, no sentido do avanço. Os caras estão mais avançados em relação a gente. Os caras... a gente tá atrasada em algumas questões mas eu acredito que as nossas próximas gerações de mulheres, vão conseguir colher o que a gente vem carpindo. (SILVA, L., informação verbal).

Nenesurreal, é resistência por si só pois sente-se abandonada pelo Movimento que ela diz ter salvo sua vida e a vida de sua filha após o assassinato do marido. Frente ao ataque sofrido e pouquíssimo posicionamento dos integrantes do Movimento, ela não se sente acolhida, muito pelo contrário.

Para Alinega, o Movimento Hip Hop

significa, salvar vidas, sabe? Porque muitas pessoas na periferia se salvam através do Hip Hop, através da batalha de rimas, batalha de dança, enfim, sabe? Esses movimentos culturais voltados pro Hip Hop. Esses eventos, aliás! Ele significa a arte da periferia, sabe? Tem o samba, tem o funk, tem o pagode, e a gente também tem o rap, ele é a nossa cara, sabe? (SILVA C., informação verbal).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos demonstram que o Movimento Hip Hop no Grande ABC para mulheres negras entrevistadas é mecanismo de expressão e resistência frente às opressões e barreiras sociais impostas pela formação da sociedade brasileira desde a colonização.

A lógica racista, patriarcal e heteronormativa está presente também no Movimento Hip Hop que é espaço dos marginalizados, mas que, ao mesmo tempo, invisibiliza as mulheres presentes e atuantes nesse cenário desde o seu surgimento. Ser mulher negra e periférica, as coloca à margem social e conseqüentemente artística, lhes garantindo por vezes a subalternização.

Mas estas mulheres são conscientes do enfrentamento necessário em relação a mudança de tal realidade. Portanto, elas veem o Movimento Hip Hop, ou pelo menos na ação desempenhada em suas atividades - já que em alguns momentos não se sentem integrantes e representadas pelo Movimento - dentre seus elementos como mecanismo de resistência.

Sinal disso são os temas abordados em suas produções artísticas. Demais temáticas do cotidiano, as artistas têm a possibilidade de representação, expressão e conhecimento do mundo a partir dos seus olhares e vozes. Discutem assuntos referentes ao seu lugar (Grande ABC) e cultura de origem, no caso a cultura negra, enaltecendo o eu como protagonista de

suas próprias histórias. São cientes do papel que desempenham no sentido de mudança, transformações em suas existências e dos seus pares.

Diante do cenário atual, ressalta-se a necessidade de seguir na luta, na conquista dos espaços que lhes são de direito. O direito a voz que lhes é negado vem sendo restituído mesmo que a passos lentos não por falta de iniciativa mas pelas condições do meio em que estão inseridas. Resistir torna-se a única opção. E todas elas, como propósito de vida, estão nesse caminho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFERES, Valentim., CASTRO Paulo, MÓNICO, Lisete, PARREIRA, Pedro. **A Observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Atas CIAIQ 2017 - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. v, 3. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro Tempo Brasileiro Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

JUNIOR, Joselicio. **Cultura periférica, Cultura de resistência.** In: A luta contra o racismo no Brasil. Org. Dennis de Oliveira; Cláudia Rosalina Adão. [et. al.]. - São Paulo: Edições Fórum, 2017. p. 102-112.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, José Carlos Gomes **Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano.** In E. N. Andrade (org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Sumus, 1999. p. 23-38.

APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas

A1 - Roteiro de perguntas geral

- 1 - Me fale por favor seu nome, idade e de onde você é.
- 2 - Me conte sobre a sua trajetória no Movimento Hip Hop.
- 3 - Qual a motivação para tornar-se parte do Movimento Hip Hop?
- 4 - O que o Movimento Hip Hop significa para você?
- 5 - Você acredita que sofre opressões no dia a dia por ser quem você é?
- 7 - Você acredita que tais barreiras e opressões também estão presentes no Movimento Hip Hop?
- 8 - Quais temas você costuma abordar na sua produção artística?
- 9 - Qual dos elementos do Hip Hop você acha que é mais machista e por que?
- 1 - Você tem planos pro futuro? Se sim, quais?

APÊNDICE B – Transcrições das Entrevistas

Entrevistada 1: Ana Beatriz Santos Silva

Então me fala por favor seu nome, idade e de onde você é.

Bom, meu nome é Ana Beatriz, é, tenho 27 anos, eu vim de Santos né, sou residente aqui de Diadema, São Paulo e a minha tag que eu faço, o apelido né, é Ursinha.

Certo. Você pode me contar sobre a trajetória no movimento Hip Hop, no caso como grafiteira, quando começou?

Com o elemento do grafite eu comecei em 2010 que foi vindo assim, eu tenho uma referencia em casa né, que é meu esposo que na época era meu namorado, então já tinha ele como referência mas num sentia uma necessidade ainda de grafitar né.

Então eu vi uma menina grafitando, que é uma amiga minha né, que é a Medusa né, a Renata, então ela que é, foi e ficou me incentivando né, falando assim: “e aí, vai ficar só olhando, não vai pintar também?”. e aquilo já foi... aí eu comecei fazendo uma personagem, uma urso mas nem sabia pro que que eu estava fazendo né. Aí depois, fui aprimorando né, pra ficar bem parecida comigo. Então a ursinha é um autorretrato né, acaba sendo um auto retrato, que ela tem um nariz grande, a bochecha grande, cabelos cacheados meio black power que eu faço, então, vem tudo inspirado em mim.

Eu vejo muito a rotina das pessoas a minha volta, eu sempre pretendo me adaptar assim ao que vejo né, ao meu redor né. Às vezes você desenha alguma coisa e não é aquilo que aquela comunidade quer, aquilo que as pessoas querem né. então a gente tenta se adaptar a fazer essas coisas. Eu acho que o grafite é isso né, permite você ver o outro né e você entender mais, acho que isso que é a rua né, o que é o grafite.

E você tem proximidade com os outros elementos, não sei se você gosta de Rap, já dançou alguma coisa, alguma vez?

Nunca dancei. Eu tenho muitas amigas que é Bgirl, essas coisas assim né. Assim já fui aqui na Casa em Diadema também, na Casa do Hip Hop de Diadema né, também tem bastante né. Então aqui já é bom por causa disso né, a Casa aqui de Diadema, aqui na Casa do Hip Hop né, tem bastante de todos os elementos né. Então ali a gente conhece tudo né... conheço (?) bastante, admiro bastante, curto Rap pra caramba, Racionais, tudo mais, isso é lógico né.

Sim. Você falou mas, qual foi a motivação para você começar a grafitar?

A motivação foi a necessidade de me expressar né, eu vi ali uma porta assim... a gente fica com receio de começar né, tudo é novo né. Se for pegar meu primeiro desenho e ver, a gente vai falar assim: “meu Deus do céu, o que você tá fazendo menina?” Então a gente aprende com isso né, fica até uma dica pra quem quer começar, porque é... o grafite é isso né, é a gente... às vezes a pessoa tá fazendo uma coisa que você acha que é nada a vê, mas pra pessoa faz todo sentido.

Como eu tenho amigas minhas que num... que era até depressiva, até de tentar se matar, fazer outras coisas e elas assim, aquilo ali pra elas é... é o porto seguro delas né, então o grafite vai muito mais além né do que algumas... às vezes não é fazer uma grande, uma grande obra, alguma coisa assim, às vezes a pessoa faz um pouquinho ali mas é dela né. É um mundo particular dela né. E foi isso que eu me encantei né. Eu fui fazendo, conforme o tempo eu fui aprimorando né, a técnica, tudo mais. E agora, tipo assim, eu vejo que eu faço assim a minha personagem, eu gosto do que eu faço assim, a gente sempre tem coisas pra tá aprimorando ainda mas assim, eu acho legal as pessoas né, gostarem né.

Eu particularmente, eu faço, o meu público é mais criança, público-alvo né, acho que vem um pouco da minha formação de professora.

Você é formada em?

Sou formada em pedagogia e tenho uns cursos de literatura infantil, quadrinhos em sala de aula né e quero terminar a faculdade de artes né também. Eu comecei mas não terminei.

E eu fiquei encantada também uma vez com meu filho também né. Eu acho que isso vai mostrando assim... ele viu uma tela minha e ele gostou assim, começou a ver, apontar e eu vi que chamou muito atenção das crianças né. Eu acho isso demais. Aí eu fiquei encantada, aí eu comecei até a observar mais as crianças que tavam na minha volta. Já observava né, por ser professora, mas eu vi, é... acaba tendo uma importância quando você vai pra um muro e retrata alguma coisa, você fica com isso. Eu comecei a observar que as crianças, é... a ursinha chamava muito a atenção delas né, e alguns amigos meus também falavam né, até que eu acabei fazendo zines, que é tipo uma né... fanzines da ursinha de colorir, então eu fiz bastante, dei pra algumas crianças, participei de feiras também... Então assim a gente começa a se encontrar né e isso que é legal né.

Então assim a referência mais foi uma amiga né, que foi puxando, tudo mais também tenho uma referência em casa que é meu marido que é grafiteiro também, apesar dele fazer letra né e eu personagem, mas também, eu fui aprimorando assim.

Dei uma guinada assim, que eu vi assim, grande assim da personagem né, depois que eu fui mãe né. Depois que eu fui mãe deu uma diferença. Que ele assim deu uma modificada na minha vida e pra algumas mães isso até assim, às vezes modifica né, modifica o corpo, modifica tudo. Em mim modificou tudo. Então ate o pensamento de eu fazer a personagem mudou. Pega eu antes de ser mãe, depois de ser mãe, é totalmente diferente o desenho assim, dá pra ver pelos traços. Comecei a ter mais importância no que eu tava fazendo.

E nesse relato também da importância de ter suporte né, pras mães, que são grafiteiras né. Então, eu tenho muitas amigas que são mães né, querem pintar, estar na rua assim, eu nem tanto porque assim eu tenho suporte dentro de casa, meu companheiro fica com o meu filho mas também já levei ele pro rolê também né, tem várias fotos dele pintando junto comigo mas é difícil né. Porque é suporte. Quem pinta mesmo na rua sabe né, é um banheiro, é alimentação que se preocupa, então com uma criança é preocupante isso.

Acabei de participar de um evento na Lapa né, lá em São Paulo, então tinha todo esse tipo de suporte. Apesar de não ter levado meu filho, que deu pro meu companheiro ficar, mas tinha monitora é... pras crianças, pras mães que queriam levar os filhos, então tinha alimentação, então tinha todo um suporte. Então isso é, isso é uma coisa que é, faz bem pensar mas mães que querem pintar também né, tem que dar um apoio né, um suporte.

Sim. Esse evento aconteceu mês passado? Acho que eu lembro...

Lapa, São Paulo. Aconteceu... depois eu tenho que ver a data.

Eu acho que eu vi, fiquei curiosa de ir...

É? Foram 100 mulheres inscritas, sendo que 200 mulheres participaram. Que foi assim... eu tô no grupo das mulheres pela cena, que é aqui do ABC...

É um coletivo, é um grupo?

É um grupo de whatsapp né, ali a gente repassa informações né, sobre eventos de grafite, acaba até de cursos também, de outras coisas né, mas principalmente eventos de grafite. “ah, quem vai pintar esse final de semana, fulana vai, fulano vai”. Às vezes até né “quer carona, tudo mais, como é que vai ser, então o grupo é bem pra isso.

E você se sente pertencente Movimento Hip Hop, o que significa pra você, tem algum significado?

Ah, sim, sim! Porque quando tem evento a gente tenta unir os quatro elementos, então a gente fica bem focado nisso né, a maioria dos eventos tem, o Hip Hop, o Grafite, a dança né, tem tudo né, engloba tudo, acaba englobando tudo né que faz parte do movimento né.

Sim...

Então a gente sempre né... os eventos todos, fazem com os quatro elementos né, fazem isso. E é gostoso né, é bom a criançada já ir acostumando também né. Então a gente vai pro evento tá sempre rolando um Rap, o pessoal dançando, aí as crianças ficam curiosas,

Ah, e tudo que, eu acho que o bom do Hip Hop, do Grafite, da dança, do Break, coisa assim, é que a criançada vê e quer fazer né. Isso que é importante, chamar atenção pra tirar eles da rua né, e levar pra outra situação.

Sim, falando agora sobre opressões que a gente lida no dia a dia. Você acha que você sofre algum tipo de opressão por ser quem você é? Não vou defini-la como algo, mas por ser quem você é.

Não criar rótulos né, mas assim... bom, eu sou mulher né, mulher, mãe, grafiteira, negra né, porque assim, eu toda né, olha meu nariz, olha meu cabelo, então a gente tem uma importância, aliás! Tem um problema quando já sai né, agora, com esse governo então, principalmente né. A gente é mulher né. Um não gosta de mulher e outro não gosta de grafiteiro, juntou tudo né. Então, a gente tem aquela importância, “eu vou sair, será que eu vou chegar?”, primeiro é chegar no local né, já começa por aí, então... a gente foi até na uniafro esses dias né, pra gente ver o que a gente pode fazer por isso né, porque assim...

Você fala “a gente”...

Coletivos né, mulheres né. Porque ser mulher, grafiteira e negra ainda, diferencia tudo né, tipo já olham diferente. Por ser mulher, você já começa ver, já ouvi comentários do tipo “ah, não vai conseguir, ah tá muito alto pra ela, deixa mais baixo”, tem toda aquela questão né.

Tem uma questão, que às vezes a gente deixa né, não dá ouvidos, mas tem outras que chateiam bastante né, tipo assim né, “Ah, será que ela vai conseguir?” Não tem esse tipo de comentário com homem né, mas com mulher tem bastante né, fora as piadinhas assim né.

Eu nem tanto assim né por questão de que eu vejo amigas minhas até um pouco assediadas mesmo, vou dizer nessas palavras, nem tanto porque eu sempre namorei né, com meu marido, desde o começo né. Mas tive um pouco né mas nem tanto né. Mas vejo amigas minhas também né.

Então, ser mulher é complicado no Brasil né, já começa por aí né. A gente tem que tomar cuidado com a nossa roupa, a gente tem que tomar cuidado com o que a gente fala, né. Tudo que a gente fala é desnecessário né, conforme isso.

O que que a gente tá fazendo né, a gente conversa muito lá no grupo né, das mulheres pela cena né. gente assim de se proteger umas às outras né, que eu acho que isso que falta né, Eu acho que isso que a gente prega bastante né. a mulher ela que se juntar com a outra né, não ficar ridicularizando a mana né, como a gente diz, a gente tem que se unir.

Eu acho que essa... esse ano aí, esse ano mesmo que vai entrar né, eu acho que esse ano que vai entrar, eu acho a união das mulheres tem que se mostrar, não mostrar só em Instagram, em Facebook, não. isso daí não é diálogo, WhatsApp não é diálogo, chegar cara a cara e conversar com a pessoa e se unirem proteger uma as outras né. Se acontecer alguma coisa se resolver né e tudo mais.

A questão do preconceito né. Eu acho assim, sempre tem o preconceito né tipo assim... modificou bastante o Brasil? modificou mas depois dessas eleições a gente viu que o preconceito velado é o pior, então tinha bastante gente preconceituosa, o Brasil é um país preconceituoso, então a gente tem tudo essa diferença. então a gente fica naquela, é aquilo que eu falei né, se proteger. as mulheres tem que se proteger, umas tem que proteger o outro, é o

que a gente fala muito né parar de picuinha, parar com essas coisas assim, isso daí os cara que inventaram pra gente, a gente tem que se unir né.

Sim.

Procurar sempre manter a nossa união e se fortalecer né.

Eu ia perguntar realmente se... é... se todas as opressões que você sofre no dia a dia estão presentes no movimento. Você já respondeu né.

Sim, sim. tá presente apesar que assim...

Você vê isso tanto de mulheres quanto homens?

É, vice e versa, infelizmente. É até feio falar isso né, eu até falo para as minhas amigas que é chato falar que a gente é ridicularizada por uma mulher né, ver um homem ridicularizar uma mulher já é feio né mas ver uma mana ridicularizar a outra é mais feio ainda. A gente fica se sentindo bem ferida né.

Sabe como é ser mulher, por que faz isso? sem necessidade. mas os caras assim eu vejo, eu vi um pouco de resistência, não sei se é porque eu sou casada e isso possa ter um respeito mais, a mais, não sei, se eu to falando mas assim, eu vejo o cuidado tipo assim, eu fui num evento assim, eu fui muito bem tratada, a maioria dos eventos eu sou muito bem tratada, coisa assim né, se preocupam com o meu filho, coisa assim, alimentação, de dar às vezes ... até mesmo acho que não chega a ser um privilégio, porque eu falo assim tem que dar um suporte né, um muro mais melhorzinho pra pintar, pra ser mais fácil né, porque tá com a criança né.

Sim.

Então eu acho que isso é legal. Eu acho que os homens, eles ultimamente estão mais conscientes assim né, porque eu acho que também é muito das mulheres se impor né, também de manter essa resistência. Então a gente tem que resistir e ser resistência né. Falar realmente o que quer, o quê precisa né.

É igual uma vez alguém falou assim: "ai, ser mulher é fácil" Não, ser mulher não é fácil, nunca foi fácil da onde que é ser fácil, então, as pessoas vê facilidades para algumas mulheres mas não vê que é uma, que é um direito nosso né, esse que é o problema né, não é fácil para gente é um direito nosso, então se os homens também têm direito a gente também tem direito. Então a gente tem mais, Às vezes precisa de mais, direito e de mais suporte porque a gente faz mais coisas, a gente tem uma vida, a gente tem várias situações. então... ser mulher, ser mãe, ser grafiteira, então tem tudo isso. A gente cria uma resistência saindo de casa às vezes né, então a gente tem que tomar esse cuidado né, é isso né, ser resistência.

E mais uma pergunta... você atualmente vive disso? Ou não é uma possibilidade ainda?

Atualmente eu vim há um ano para São Paulo né, porque antes eu morava em Santos e lá eu era professora e aqui com a correria do dia a dia, até então eu estou começando a dar oficinas de grafite. já faz um tempo já né Então eu estou começando a dar uma oficina de grafite, estou começando a me direcionar pra isso mesmo né.

Por aqui no ABC?

Por aqui mesmo por São Paulo né. Tô começando a fazer isso mesmo, Isso é o que eu quero mesmo fazer.

E aí essas oficinas são geralmente para... igual você falou da proximidade com crianças... ou com adultos também?

Olha tem crianças já, adultos também esse último a gente deu para idosos, para idosos. Foi ali no Residencial Primavera em São Bernardo idosos e foi gostoso, foi uma aprendizagem, assim não foi nem para eles, foi pra gente mesmo. até foi emocionante por quê a idosa que não conseguia apertar o spray, eu apertei pra ela, falei "vai que eu vou direcionando pra você". ela estava super empolgada de fazer, eu acabei até fazendo a minha personagem que é ursinha né, porque ela queria uma coisa diferente, e eu acabei mostrando para ela, e ela falou "não, quero sim" de fazer.

Não sei se você acha que tem algo que você queira falar, que não estão nas perguntas...

Ah não... eu só, eu acho que falei tudo. deixa eu ver. Ah, que a gente está ocupando nossos espaços aos poucos né, chegando com, sendo mais resistência mantendo a união, e que as pessoas assim, se conscientizem né do grafite né, pode ser que... ah sim, deixa eu ver o que eu falo, só para finalizar que o grafite é para todos né, e para todas né, e que a gente vai continuar ocupando espaço querendo ou não e, os eventos tá tomando maior proporção aí né pela cidade, esse evento aí da Lapa que teve totalmente resistência assim, foram 100 inscritas sendo que 200 mulheres quiseram pintar e de todas as idades tinham até avós né, lá, então foi muito forte esse evento, então, então veio para mostrar que as mulheres querem sim pintar, querem sim estar presente e as mulheres vão, tão aí qualquer circunstância, em qualquer lugar, lugar de mulher é onde ela quiser estar e ponto eu acho que é isso. vamos ser resistência.

Quais temas você costuma abordar na sua produção artística?

Os temas que eu costumo abordar é sobre o amor e as crianças, porém costumo fazer muitos painéis com temas junto com amigos. Mas os meu preferidos é sobre amor, crianças e educação pois através desses que podemos transformar o mundo ao nosso redor.

Qual dos elementos do Hip Hop você acha que é mais machista e por quê?

Todos os elementos são, o mundo é machista.

A respeito das opressões sofridas por ser quem você é, no que diz respeito ao machismo, você acredita que é vista no Movimento do Grafite, no Movimento Hip Hop como Ursinha apenas ou como esposa do Moisés que também é grafiteiro?

Acho que já fui Vista bastante como a mulher do "Zeis" que pinta também, hoje posso dizer que ando conquistando o meu espaço e deixando a minha marca ,hoje sou chamada porque faço a ursinha, não recebo mais convites por ser a mulher dele. Antes falavam "ah sua mulher pode vir junto, convida ela também". Hoje o convite já é direto pra mim.

Entrevistada 2: Kessy

...traz uma amplitude de ideias tão foda, que você começa a se aceitar, começa a entender o seu posicionamento das coisas, e ao mesmo tempo que você começa a entender seu posicionamento, na sua vida, tá ligado, socialmente, vindo como se fosse uma luta de classes, é o momento em que você começa a ajudar outras pessoas a entenderem também.

Sim.

Então tipo assim o Hip Hop...

Todo mundo precisa entender né.

Sim, totalmente! ele não é uma coisa interna, que... que é individual, subjetiva, tá ligado, ele ajuda o quê está externamente também, ele influencia no que tá de fora. tipo, as pessoas que estão ao nosso redor, elas sempre vão saber de alguma coisa justamente por que estão a nossa volta, e a gente tem algum tipo de convivência.

Pra trocar né.

Exatamente! O Hip Hop traz muito isso, isso que é foda, tá ligado. Eu me senti muito bem assim, dentro da cultura justamente por causa disso.

Já tá falando né.

É!

O que a gente veio falar aqui, mas pra começar, seu nome idade e falar de onde você é.

Ah, legal. Então, meu nome é Kessely. As pessoas me conhecem como Kessy né. Tenho 17 anos e moro aqui na Região do ABC, São Bernardo do Campo né, bairro Montanhão e é isso, aqui na Favela, do Cafezal, Anita Garibaldi.

Me conte sobre sua trajetória no movimento Hip Hop.

Então a minha trajetória no Movimento ela é... como a gente tava conversando né, ela já é de muitos anos. E até um pouco antes de eu, de eu entender que eu tava dentro do hip-hop, eu já estava dentro do Hip Hop sem saber. Então eu comecei dançando, sabe, na verdade eu comecei rimando, depois eu conheci a dança, depois eu conheci o grafite, depois eu conheci o elemento DJ né. Então eu tive oportunidade de passar por todos esses elementos, como ainda estou passando né.

E a minha trajetória foi que desde sempre, eu tive um, um... eu fiz um esforço muito grande pra tá me empenhando em tudo aquilo que eu quero fazer. que nem, quando eu comecei a rimar, quando eu comecei a rimar eu tinha 13 anos, só que desde mais nova eu já gostava de rima, já gostava muito de Rap, Então já tinha uma conexão com o Hip Hop que eu não sabia que existia, porque eu não sabia o que que era o Hip Hop.

Então a partir momento que eu comecei a rimar mesmo, eu falei assim "não, agora eu vou ser MC", foi o momento que a minha visão das coisas começaram a mudar, tá ligado?

E foi a partir daí que eu comecei a entender mais ou menos o que era o Hip Hop, com uns 14 anos foi quando eu comecei a dança, e eu conheci pessoas que eram da Cultura, já estavam

há mais de 10 anos na Cultura e eles me explicaram o que era o hip hop. E tipo... Eu nunca me senti tão viva, nunca, nunca, eu nunca me senti tão contemplada, tão confortável dentro de uma Cultura como, como essa, tá ligado. Porque... foi o momento, que nem a gente tava conversando que eu não... que eu pude explicar pras outras pessoas, o posicionamento delas, tá ligado. não só o meu posicionamento na sociedade mas como o delas também. Isso foi ampliando minhas ideias, mano.

Sim, com certeza.

Então foi a partir do momento que eu comecei a entender o mundo, comecei a entender o que tava, tava por trás das rimas não só das minhas, mas também das outras pessoas, tá ligado. Fui começar a entender o que era política, o que era ser negro, o que era ser branco, fui começar a entender o que era família, o que eram amigos, o Hip Hop me trouxe tudo isso e mais um pouco.

E a minha trajetória o movimento hip hop, ela é de uma história de primeiramente de aceitação, secundamente, de de, conhecimento, sabe, do geral, do mundo e em terceiro acho que de união. né com as pessoas que eu conheci, né, através dele.

E qual a motivação pra você se tornar parte do Movimento?

A motivação? Bom, a primeira motivação que eu tive, pra fazer parte do movimento, foi justamente essa do conhecimento né. Quando eu, eu vi uma cultura onde as pessoas poderiam ser o que elas eram, porém, mesmo sendo quem elas eram, hmmm, um exemplo. Se as pessoas me verem por fora, elas vão falar que eu maior maloqueira, tá ligado, só que elas não imaginam que essa maloqueira aqui tem um conhecimento sabe, sobre o que é política, sobre o que é ser negro como eu falei.

Então o Hip Hop te traz isso, ele... Ele te possibilita ser quem você é, sabe, ele te possibilita ser uma pessoa da rua, digamos assim né, não sei se é legal usar esse termo mas eu gosto de falar que eu sou da rua, porque a rua é um lugar onde que gente aprende, sabe. A rua vai além dos livros mano, é o lugar onde você vê as coisas. E o Hip Hop ele faz isso, ele faz você enxergar as coisas. Então é isso que me fez entrar pra dentro da cultura. Essa possibilidade de enxergar as coisas sendo quem eu sou, saber das coisas sendo quem eu sou. E ninguém vim desacreditar de mim por eu ser quem eu sou, tá ligado. E é isso mano.

Sim. E falando sobre tudo isso, o que significa o Movimento Hip Hop pra você?

Pra mim, mano, o Movimento Hip Hop pra mim ele foi uma salvação, tá ligado. Então, antes... antes de tudo é muito... é muito legal enfatizar que o Hip Hop, ele salva vidas, tá ligado, ele salvou a minha. Então, tipo, eu poderia hoje em dia se eu não tivesse dentro da Cultura, ter virado nóia, tá ligado, eu poderia não estar mais estudando, eu poderia ser uma mina de 17 anos grávida com meu primeiro filho agora, entendeu, jovem, adolescente. Poderia tá usando droga e... eu tenho total consciência disso mano, porque de onde eu vim, as pessoas que estavam comigo, tive muito essa influência, só que a partir do momento que eu conheci a cultura, ele me tirou disso, sabe.

Então, quando ele me tirou disso, ele, ele já começou a ter um significado muito importante pra... na minha vida. Ele é o significado da minha salvação, mano. Então... se hoje eu devo alguma coisa a alguém, é à Cultura, tá ligado. Porque ela me tirou desse meio que a gente vive na periferia, o genocídio, traficante, sei lá o que mais e me colocou numa... num lugar

cultural, num lugar artístico, num lugar político, num lugar... sabe, de conhecimento das coisas, é isso mano. O Hip Hop é muito importante pra mim.

Você acredita que... sofre opressões no dia a dia por ser quem você é?

Totalmente, totalmente. É que nem, que nem a gente havia conversado um pouco antes né, tipo... eu sofro já por ser quem eu sou, pela maneira que eu falo, sabe. E tem alguns lugares que a gente precisa de mudar a nossa linguagem, só que eu acho que... linguagem é uma coisa que não se discute porque a gente tem vários, inúmeros tipos de língua né

E tudo bem né.

E tá tudo bem! Tá tudo bem! Mano. A gente fala mano, a gente fala painho, a gente fala, sabe... a gente fala Axé, qual que é o problema nisso? Só que as pessoas enxergam problema nisso. Então, quando as pessoas me viam falando da forma que eu falo, e... falando sobre as coisas que eu falo, do jeito que eu falo elas começaram a se impressionar só que não de uma boa forma. Foi o momento que elas começaram a me pressionar a ficar provando mais do que eu podia, tá ligado. Então, eu tive que provar, a todo momento, como eu tenho que provar a todo momento que eu sei, sabe. Ficar provando, toda hora, é um conhecimento, tenho que ficar provando que eu, que eu tenho condições de estar em certos lugares, que eu tenho condições de falar, que eu tenho condições de saber, e eu acho que isso é muito chato. Isso é oprimir, tá ligado.

Isso me oprime totalmente porque mesmo eu sendo quem eu sou, porque sendo assim eu não posso saber de tal coisa? que quem tá lá na elite sabe? entendeu, porque eu não posso saber disso? Porque eu sou preta, porque eu sou favelada, porque eu sou do Hip Hop? tá ligado. Porque eu falo mano, porque eu falo painho?

Então eu acho que é isso. Primeiramente eles oprimem a nossa linguagem, depois eles oprimem quem nós somos, e fazem... e se a gente sabe uma coisa, eles vão fazer todo dia, todo momento, todo minuto, sabe. E é uma coisa que não acontece com as outras pessoas que não tão dentro do movimento, sabe. Então você tem que buscar seu posicionamento de... que você conquiste o respeito máximo mano e isso leva anos, pra conquistar, tá ligado.

Então até a gente chegar nesse momento que a gente vai conquistar o respeito máximo das outras pessoas que tão dentro da cultura, é um caminho muito árduo, muito difícil, sabe. É... então é super complicado, complicado mesmo.

E... nesse sentido, é... ser quem você é no sentido amplo, mulher, negra...

Sim.

Na sociedade. E se você acha que essas barreiras que você falou, também estão presentes dentro do movimento. Por você ser quem você é.

Certo. É... bom. Eu acho que quando a gente fala sobre o movimento, a gente tá colocando uma extensão muito grande, sabe, de coisas porque... o movimento, ele não contém só um elemento, ele contém quatro, tá ligado. Aí vem mais um que alguns consideram e outros não que é o conhecimento.

Só que quando a gente fala do movimento a gente tem que separar as vertentes. Porque a gente tem o Rap, a dança... como eu falei.

Só que assim, sendo mulher já é foda, tá ligado. Independente de onde você esteja. Seja você MC, seja você secretária, seja você advogada ou médica. E dependendo de onde você esteja é foda. Aí você é preta, aí ferrou tudo! Você é preta, você é mulher e você é do Hip Hop. Sabe. Três coisas que as pessoas já... já rebaixam.

Fala lá: lá vem a preta, a mina né. Com certeza deve ser... prostituta, alguma coisa assim, né. E além de tudo gosta de escutar um Rap. A mina é mó maloqueira, olha lá quem tá vindo. Então tem essa dificuldade. Mas dentro do movimento, o lugar que eu mais senti dificuldade assim falando de um só elemento, foi dentro do Rap. Porque dentro do Rap você vai encontrar de tudo. Você vai encontrar pessoas, pessoas, pessoas boas e pessoas ruins. Sabe, é que nem na igreja, você vai encontrar pessoas boas e pessoas ruins. No Centro de Umbanda, você vai encontrar pessoas boas e pessoas ruins. todos os lugares que a gente for, a gente vai encontrar pessoas boas e pessoas ruins. No movimento, não vai ser diferente. Só que eu acho que não dá pra gente generalizar sabe, essas pessoas ruins que se dizem do Rap pro geral, pra cultura em geral, porque a cultura em si, ela já veio com esse intuito de... de separar as coisas que são ruins, sabe. Tanto que o te... o... lema da Zulu Nation é amor, união, paz e diversão, sabe. Então quando a gente fala sobre amor, acima de tudo a gente tá falando sobre ter respeito, sabe. Então eu mesma não considero esses caras que me desrespeitam numa roda de rima, de freestyle, como meus irmãos, como pessoas da cultura. eu não considero porque eles estão me desrespeitando e nunca mano, e nunca que a cultura Hip Hop vai ensinar isso, muito pelo contrário.

Então eu acho que é isso, a gente não pode generalizar! Existem pessoas e pessoas, a gente só tem que aprender a separar.

Certo. E se você tiver mais alguma coisa que acha importante pontuar.

Sim. Bom.

Pode falar aí, a vontade.

É. que as pessoas deveriam conhecer o Hip Hop de perto, tá ligado. Elas deveriam se... se dar a oportunidade, se permitir de conhecer essa cultura. porque ela é uma cultura de muita prosperidade, sabe. conhecer as pessoas que vem de lá também. tipo, tem muitas coisas coisas que a gente conquistou, falando aqui de São Bernardo do Campo que nem, a gente tem a Câmara de Cultura, a gente tem a Batalha da Matrix, né. Anos atrás a gente tinha também não lembro muito bem, era o Chopapo (?) que não é da minha época mas eu sei de muitas histórias do Chopapo sabe.

A gente tem muitos movimentos culturais, muitos eventos e quem proporciona esse eventos geralmente são pessoas que estão dentro da cultura sabe. Muitos direitos que a gente consegue aqui, são pessoas da cultura que geralmente vão lá lutar por esses direitos, batem lá na porta da casa do prefeito e fala assim “e aê mano, você vai me dar esse direito ou não, sabe. cê vai... vamo aí, vamo conversar sobre isso ou nao? vamo dialogar?”

Então, eu acho que acima de tudo é isso, as pessoas, abrirem a mente pra poder conhecer, antes de tentar criticar, antes de querer falar alguma coisa, sabe. Ver que é uma cultura de muita prosperidade, de muito conhecimento, de muita verdade, sabe. e eu sou muito grata por

tudo isso e também eu gostaria de agradecer todas as pessoas que eu conheci nesse meio, principalmente ali o meu padrinho, que você conhece, o Nino Brown que é uma pessoa que tem um conhecimento maravilhoso sobre a cultura e sobre tudo e ele também me trouxe essa visão. então eu acho que é isso que eu gostaria de passar pras pessoas, é... elas deveriam reser..., deveriam reservar pelo menos um dia sabe, pra chegar em alguém que realmente conhece a Cultura Hip Hop no que ela é na sua raiz, conversar pra ver quem são essas pessoas, de ver que elas são pessoas prósperas, de bom coração, sabe, pessoas que lutam e resistem, mano. acima de tudo é resistência, é luta, então a gente não é diferente de, das pessoas que... estão no movimento de esquerda lutando pelos direitos dos trabalhadores, tá ligado. Não, a gente também tá lutando pelo nosso direito, só que de uma forma diferente. e é isso.

Através da arte.

Através da arte.

Quais temas você costuma abordar na sua produção artística?

É então, vamo lá. Bom, quais temas que eu costumo abordar na minha produção artística. É, pra começar né, quando a gente fala de arte, a gente já fala de um mo... Eu pelo menos quando falo de arte falo de um modo muito geral né. E eu costumo especificar as coisas quando o meu interno, a minha... minha parte expressiva, ela pede que eu especifique mas quando se trata de produção artística, eu sempre trato tudo de uma forma geral porque a minha arte é muito livre pra interpretações né. Então cada pessoa pode entender certa coisa de certo algo que eu produzi, então... é... mas dentro desse contexto principalmente eu busco falar dentro da minha produção artística, sobre o eu, sobre o interno das pessoas, o mundo particular tanto que é por isso que eu vou fazer psicologia, porque eu gosto, não da questão do egocentrismo, mas eu gosto do estudo do eu, sabe. Quando a gente olha o mundo da arte através de um olhar e através desse olhar a gente consegue trazer uma amplitude que cabe no olhar de todos que nem, o Sérgio Vaz diz que é muito importante pra um poeta quando ele consegue fazer um poema que cabe na voz da multidão.

Então eu acho que o tema... os temas das minhas produções são esses. Eu crio alguma coisa, às vezes específica, às vezes ampla, às vezes de modo geral, um pouco complexo mas isso é importante, que caiba dentro da voz da multidão, entende? Porque pra mim, o importante não é só que eu entenda aquilo que eu tô fazendo mas que as pessoas também consigam interpretar aquilo que elas estão vendo né, que elas consigam criar ou de repente imaginar em cima daquilo, então, esse é meu ponto principal: essa distribuição de arte que é capaz de tocar todas as pessoas né, de formas diferentes ou de formas iguais ou de formas semelhantes.

Você tem planos pro futuro? Se sim, quais?

Sim. Sim, eu tenho planos pro futuro, e... e são muitos planos né. Eu pensei em muitas coisas pro meu futuro. E... eu faço do máximo pra conseguir conquistar tudo... todos eles. E um dos meus principais planos assim pro meu futuro é conseguir me formar né e... outro que também é muito importante pra mim é conseguir montar meu Home Studio pra trabalhar com Rap mesmo também quem sabe tirar um dinheiro disso né mas é algo também um pouco mais particular só que eu tenho um sonho muito grande de montar meu Home Studio, fazer música, ter meus instrumentos, ter... é, minhas máquinas de produção, é... produção musical e eu tenho vontade também de escrever muitas e muitas pes... na verdade eu tenho vontade de

fazer pesquisas que vem com o intuito de colaborar né, para novos conhecimentos dentro da psicologia também.

Então esses são alguns dos meus planos. Sair de casa, tal, montar meu homezinho Studio, tenho vontade também de viajar pra outros lugares pra estudar música, pra estudar psicologia, pra estudar arte no geral, e... um dos meus planos é esse né. Os meus principais planos são esses. É estudar, conseguir montar meu home studio pra poder trabalhar de forma livre com música né, de forma mais confortável e trabalhar em pesquisa pra poder ajudar as pessoas pra poder trabalhar nesse campo de conhecimento né. Então, como eu gosto muito de escrever, eu busco ainda assim conseguir... é... esqueci a palavra meu, publicar livros, eu quero publicar meus livros ainda, viajar também pra poder buscar mais conhecimento, curtir, porque né, curtir é importante e essa é um dos meus planos, algumas das minhas metas.

Pretendo fazer bastante coisas dentro da arte, dentro da psicologia, não só pra mim mas também pras outras pessoas com a minha música e tudo mais. Dança, dança também, esqueci de falar da dança. Mas a dança também se envolve nesse meio né, que eu o dançar, então, tá tudo junto e misturado aí, os planos são traçados de... de forma que eles se encontram em algum ponto aí.

Qual sua perspectiva de vida daqui que pra frente?

Bom. Minha perspectiva de vida daqui pra frente, é... meu... conseguir continuar, e conseguir fazer essas coisas da melhor forma, sabe. Porque creio eu que serão tempos difíceis, que... que há de chegar né, como já são tempos difíceis da vida que eu sempre tive, sempre foram tempos difíceis mas os tempos ficaram mais difíceis, mais difíceis ainda mas eu acho que a gente precisa de... de ter uma visão um pouco mais positiva das coisas, sem ser positivista, entendeu. A gente tem que ter uma visão das coisas sem ser positivista, entendeu, e olhar o mundo com um olhar um pouco mais encantado, às vezes até um pouco mais lúdico, pra conseguir passar algumas barreiras e ainda se manter de pé, sabe. Eu acho que você levar o mundo muito a sério, que é a forma que todas as pessoas pedem que você leve né, tipo, o posicionamento da Terra, ela pede, que a gente leve o universo, as coisas de modo muito sério.

Entrevistada 3: Adriana

A primeira pergunta é no caso você falar seu nome, a idade e de onde você é.

Meu nome é Adriana Teodoro do Nascimento, tenho 40 anos e sou de São Félix, Cruz das Almas, Bahia.

E reside agora...

Estou em Diadema desde os meus quatro anos, então sou uma pessoa Diademense.

Me conte... é... por favor, a sua trajetória no Movimento Hip Hop.

A minha trajetória começou no final dos anos 90 pra 91, e a minha irmã, ela montou um grupo de mulheres né, e a gente participava nos salões que tinham em São Bernardo e, ia nas reuniões da pista de skate, que antes o pessoal chamava de Haussas e hoje conhecida como Hausa e a NEPS era o primeiro grupo assim de mulheres daqui da cidade de Diadema e do ABC né, vou falar ABCD, ABCD.

E nisso, o tempo foi passando, nós lançamos a coletânea de poesia Rap, participamos na verdade, não lançamos... volta aí essa parte! Depois você vê. Tá gravando tudo.

Sim, vamos gravando tudo, depois eu vou editar.

Nós participamos do grupo de coletânea Rap, ABC Rap, na verdade é ABC... Deixa eu tentar lembrar o nome do livro! É! ABC Rap. Grupo de poesia. O primeiro livro na verdade.

Nisso Éramos em quatro mulheres. A Neuguinha, (Elaine) Patrícia e Simone...

E você...

Cantávamos juntas e depois o tempo foi passando, o tempo foi passando... e em 93, nós fizemos uma reunião aqui em Diadema né, porque como tinha muito grupo de Rap na cidade, muito grupo de Rap, tinham poucas mulheres também mas assim, o tempo passou e sentimos mais necessidade de ter mais informações sobre a Cultura Hip Hop porque o Rap já era muito forte.

E nisso, alguns jovens da época, que participavam do Centro Cultural Jardim Inamar que era CJC - Centro Juvenil de Cultura, nós nos encontrávamos lá, com o UDR, Tatu, e outros rapazes, assim jovens da época... nós se encontrava e discutia o que podia ser melhorado nas nossas letras e tal, e tinha o pessoal do Campanário também.

E nisso, quando começou as oficinas aqui em Diadema, que a gente conquistou as oficinas, veio pra cá pra Diadema em cima dessa nossa conquista é... de troca, O Nelson Triunfo, a Sueli Chan, o Wilson Levy e o Marcelinho Back Spin e o Toninho Crespo. E o Toninho Crespo teve uma época que ele não continuou mais, ele ficou pouco com a gente.

Mas em 94, se firmou bastante as oficinas em relação da Cultura Hip Hop, com os estudos de tema, da Sueli e do Levi, eles ensinavam essa parte do conhecimento que você tem que buscar a mais... então deu um cunho assim muito rico de conhecimento sobre a nossa cultura, sobre autoestima, é... sobre o que a gente poderia tá lutando e com isso veio várias outras coisas importantes que... que me formaram assim. É... não só eles mas a convivência com os outros artistas que vinham pra cidade, essa troca, foi muito rica.

E nisso, o tempo passou, é... a gente... começou pegar uma estrutura de espetáculo, reforma agrária, eventos... eu fiz parte de um grupo de mulheres, a gente organizava várias, é... participações do Movimento Hip Hop, mas com a casa, com parceria com a casa Beth Lobo, com palestra, com evento na Praça Kaleman.

E nisso, em 94, as mulheres daqui da cidade, 94... no finalzinho de 94 pra 95, as mulheres começaram a surgir, os grupos de mulheres né. Aí surgiu as Negras de Fato, a Celia, várias meninas.

Sim.

Que é importante tá lembrado delas também. E... e nisso, a gente fez a primeira... o Se Liga Mano em 96, que era uma peça super legal com mais de 60 jovens e em 98 a gente repetiu a peça de novo.

E em 2000 eu comecei a trabalhar na... em Diadema como arte-educadora né, formada por esse período de conhecimento, de trocas.

Vivências.

Isso. Então o grupo NEPS foi muito marcante na minha vida porque... o pessoal fala que no Hip Hop tudo começa pela dança né, inclusive o Rap. Então, eu fiz ao contrário. Primeiro fui pro Rap e depois eu fui pra dança.

E aí eu me sinto contemplada porque eu me realizo em vários alunos, então assim... eu não salvei ninguém. Não tem esse negócio de salvar, não existe. Apenas você troca... eles trocam alguma coisa pela outra que dá prazer né. E quando você vem e aborda com conhecimento, com a qualidade... falar com firmeza né, essa parte da firmeza, da certeza, é... com propriedade, eles escutam mais, compreende, se colocam no lugar de pertencimento do outro né. Lugar de pertencimento daquele lugar, daquela região. Então cada região tem um jeito de você tratar. E...eu acho que eu fui muito feliz nessa parte assim que eu formei vários jovens e hoje em dia, meus amigos. Então, tenho várias famílias e filhos espalhados por Diadema...

Sim. Pelo ABC.

Pelo mundo, falar assim.

E então... qual seria, você tem uma motivação que você pode falar, pra se tornar parte do Movimento Hip Hop.

Olha, a motivação... era é porque... eu posso falar assim que eu nunca fui uma adolescente comum. Eu também não sou uma mãe comum. Não sou uma mulher de 40 anos comum, tanto faz uma esposa também... não sou comum.

Então assim... é... a Cultura Hip Hop me trouxe esse, esse... essa firmeza, esse alicerce, do que eu queria, do que eu poderia conquistar sendo uma mulher negra, periférica... e na época tudo bem, novinha, o corpo padrão, tava lindo e maravilhoso. Mas, mesmo assim eu tava fora do padrão de ser uma dançarina do corpo perfeito. Mas nisso vinha a parte do feminismo, eu era feminista e ainda continuo sendo feminista, essa parte de... de... não querer tá a frente, mas querer tá do lado, tá ganhando igual e tá indo atrás dos meus objetivos e sonhos. Eu não abri mão de nada disso. A gente só abre mão... eu só abri mão um período da minha vida, quando eu fiquei grávida pra ter meu filho, porque foi uma opção minha. Casei cedo, casei com 17 anos. Opção minha. Casei com 17, fiquei grávida com 19, ganhei com 19 porque eu queria ter meu filho cedo. Tive meu filho, hoje em dia ele é meu parceiro, companheiro nessa parte de correria.

Mas é, como você falou, o que me motivou na Cultura Hip-hop foi essa, essa, esse... enfrentamento porque é uma cultura totalmente machista. Ainda continua, camuflada, né, a parte do machismo, mas conquistamos muito espaço, estamos conquistando.

Não tenho mais aquela posição de mulher coitadinha, né, você se faz coitada se quiser. Hoje em dia não, hoje em dia é o seu talento mesmo, é a sua força de vontade, é a parte de ser liderança ou não mas do enfrentamento de... de um espaço, um espaço na cultura, mas não só um espaço simples.

No... no meu ser, eu não quero só por tá só aquele momento, eu quero ter uma história. Quero que a história que eu conquistei lá atrás, seja reconhecida né. Coisas que às vezes são um

pouco apagadas, mas assim, o que fica é a história. E a cultura ela... fez com que eu permeasse a isso e tivesse uma trajetória de... que eu posso dizer de sucesso.

Eu não me arrependo de nada que... assim que eu fiz. Eu acho que, que... posso falar que eu fui muito reservada. Porque a gente era obrigada a ser reservada e firme. Hoje em dia eu falo que eu tô mais suave, mais relaxada. Porque antes eu era muito séria, era uma postura séria... séria a maior parte do tempo, eu falo para o meus alunos assim, eles falam que “Você mudou bastante professora!”. Eu falo, agora não é mais comigo, a minha parte eu já fiz né. Eu vou relaxar mais porque agora é com vocês, vocês que tem que continuar a história, né, e com qualidade.

Então a... A cultura Hip Hop me fez ver as possibilidades de, de criar uma história e ajudar várias pessoas, ser ajudada a transformar meu bairro, minha cidade e é gratificante pra mim isso.

Por mais que às vezes não apareça pra torcida em geral, mas dentro de mim eu tô muito contemplada, nessa parte... eu falo para caramba!

À vontade!

Você vai ter que...

Então, vamos lá. O que o Movimento significa pra você?

O movimento significa para mim, a Cultura Hip Hop significa pra mim transformação... constante. Você se transforma constantemente. A Cultura Hip Hop faz com que você mesmo que periférico faz você ter uma perspectiva de vida, e um horizonte de que você pode alcançar, você sai da zona de conforto tipo entre "ai eu sou coitadinha, ai eu sou periférica". Você sai dessa zona por que a Cultura Hip Hop te faz buscar o conhecimento. Se você indo atrás do conhecimento, você se apropria dele e transforma aonde você tiver. Então a cultura Hip Hop... ela faz isso, ela tem esse poder né. Você se transforma. Não as pessoas que estão na Cultura Hip Hop vai transformar a sua. Você vai pegar o exemplo delas, as coisa... das transformações que tem no seu bairro, e o conhecimento da história do seu país, todas aquelas pessoas que sofreram, pra você estar usufruindo agora. Pra lá na frente você construir o futuro com qualidade.

Então a Cultura Hip Hop... ela faz com que você saia da sua zona de conforto, com que você tenha uma perspectiva de "eu nasci na periferia. Beleza! Dá para sair da periferia? Não, não dá! Um exemplo, não dá pra sair. Mas eu posso transformar ela, posso deixar agradável. Ninguém quer ficar o tempo todo na periferia. Se quiser ficar na periferia, você quer transformar ela. Um saneamento básico, um transporte coletivo legal, é... você se impor, saber dos seus direitos e deveres... o Hip Hop te dá... te dá não! Faz com que você conquiste. É isso.

E você acredita que sofre opressões no dia a dia por ser quem você é?

Olha, falar pra você uma coisa. Pela base que eu tenho, você já percebeu como que eu sou né. As opressões aparecem, aparecem! Falar pra você “ai, eu sou negra, do... com olho claro, cabelo pintado”. O preconceito tá aí tá, é forte, muito forte mas é o seguinte, você que se impõe no lugar que você vai independente de ser mulher negra, gordinha, dançarina ou não, você que se impõe né. E em todos os lugares que eu vou, eu sei muito bem entrar e sei sair.

Então quando você entra num local, e você sente essa parte do preconceito, você vai saber colocar a pessoa no lugar dela se você tá sofrendo alguma... é... constrangimento, rejeição, perseguição e assim por diante, seguindo a parte da lei. Então, não tem como você abaixar a cabeça e sofrer essa opressão. Não. De jeito nenhum! Eu acho que quando você sabe a posição que você conquista, sabe a sua posição de ser cidadão, dos seus direitos, você não vai deixar passar nada batido, vai fazer valer a lei.

Sim. E você acredita que essas barreiras, essas opressões também estão presentes dentro do Movimento Hip Hop?

Olha, depende do local né. Cada local, cada cidade se comporta de um jeito. Tem local que você vai que os homens não gostam de cumprimentar você com beijo no rosto. É uma falta de respeito né, você ser cumprimentada com um beijo no rosto sendo que você é casada, eles conhecem o seu marido e tal. Já aconteceu, não vou falar quem e nem o local. Fui chegar num evento, e eu sou uma pessoa totalmente descolada, eu abraço mesmo, eu beijo mesmo. Aí o meu colega que eu já tô acostumada, que eu vejo em vários locais, a gente se cumprimenta assim, ele “ai, não, tem que pegar na mão, porque aqui é assim”. Ah, não é assim não, comigo não é assim. Comigo tem que ser do jeito que sempre foi. Né, a regra daqui é daqui, a gente tem que respeitar mas isso já é preconceito, já é um machismo embutido e eu não permito isso né.

Eu gosto de me impor como igual aos meninos. E nos lugares que eu vou assim, é... eu não... não sinto, não sinto essa parte... esse ranço. Os meninos tão forte, como antes.

Você acha que você mudou...

Antes eu tinha que me vestir que nem homem, calça folgada, pra ter a característica duma base de igual, né. Então, hoje em dia não, hoje em dia não é mais a... a... a... a minha roupa. É a minha trajetória, é a minha história que conta né. E isso é interessante que assim, por mais que as pessoas falem que... tá melhor? Tá melhor! Mas ainda continua. Eu vejo... em todos os âmbitos do Hip Hop. Quando vai um homem lá falar, ele vai olhar na tua cara, saber da sua história... aqueles que tão junto vão falar “opa, reconhece”. Outros não, vai olhar na sua cara e vai falar “A, B, C e D masculinos” e não vai falar seu nome.

Eu já tive... em outro evento, em outra situação, tava eu e uma colega minha a Cris bgirl, aí ela é educadora social também, acho que você vai querer um dia conhecer ela. E ela tá fazendo, lançou um livro, fez mestrado na USP, tá terminando.

Aí o que acontece, tava nós duas! Aí subiu um amigo nosso no púlpito pra falar lá e tal, pegou, falou tal, tal, tal, falou os outros amigos e não falou o nosso nome! A gente falou assim, “aí, nossa, só os cuecas que fizeram né!” Incrível! Eu falei assim: “é, por isso que estamos aqui, porque agora é a nossa vez!”. Entendeu? Então, a gente tem que cavar o nosso espaço, não tem que ficar esperando pelos caras “ai, vem aqui cantar, vem não sei o que, vem aqui dançar... não!

Então desde 90 e, 90, 90...

90 e tralalá

Oi? 90 pra cá, é... aprendi muita coisa, fiz eventos, organizei, com muitas pessoas, muitas mulheres, muitos homens também, companheiros de verdade que... que fez valer assim, tudo.

E quando eu vejo que tem algum local que não valoriza essa parte da... da história, da mulher em si, é... alguns é porque algumas mulheres pararam, entrou no esquecimento, mas temos aí a MC Rose, a Sharylaine, temos aqui Kika, a Reca... eu falo no geral. Temos a Nene Su, temos a... a... Sharylaine, todas elas continuam, elas não pararam.

Então, se você pesquisar legal, você pesquisar, tem um monte de menina cantando, um monte de menina dançando, e não sabe da história das mulheres que fizeram a diferença pra que elas pudessem tá hoje em dia aproveitando também né. Tem que ir lá atrás pra entender o agora. Os lá de trás.

Então assim, os meninos tem sim os momentos deles, os lapsos, mas a gente sabe colocar eles, no lugar deles. “Você esqueceu de mim!? Como assim!?” Eu falo “Que história que é essa!?” Como!?

Sim.

“Não pode!” Então se você não fala... antes eu pensava “Tem que lembrar eles, tem que tentar lembrar” Não! Mas se você não fala, da sua trajetória, da sua história, quem que vai falar por você? Né. Então, ultimamente eu tô afirmando bastante. Eu falo olha, eu fui uma das pessoas que fez com que tivesse as oficinas culturais em Diadema, as primeiras oficinas culturais contratadas e registrada em carteira por pessoas maravilhosas que fizeram a história do Hip Hop no Brasil assim, Uhhhh, decolar na parte de profissionalismo. Eu fiz parte dessa construção. Então assim, isso pra mim é gratificante. É... é conquistar a Casa do Hip Hop, conquistar a Zulu Nation, fazer parte desse processo todo né. É lindo!

Sim.

E é triste também você... você saber que teve várias amigas, várias pessoas assim, que tiveram uma puta de uma história e que caiu no anonimato porque não continuou. Mas não quer dizer que elas não tem que ser citadas, o nome né, tem a Lisa Black, a Fernanda Anastácia, tem a Célia, tem várias mulheres que são fodásticas, foram fodásticas também. Eu falo assim, foram maravilhosas! E que deve ser lembradas assim, com muito carinho. Como muitos homens me ajudaram também, como os Fanáticos Gangues, o Samuel, o Fraulo, o SG e outras pessoas né. Sem falar, de quem mais? Da Eli, né, que cantava comigo, na época depois que as meninas foram saindo, ficamos só nós.

Certo. E quais temas você costumava, ou costuma, não sei se ainda você compõe, ou está somente na dança...

Eu não... não estou cantando mais Rap né. Eu canto algumas coisas, o pessoal me chama “ai, vai lá cantar pra mim”? Eu vou e canto algumas coisas. Mas eu gostava bastante de falar sobre... os nossos ancestrais né, sobre o feminismo, sobre a Cultura Negra, mas é... eu gosto mesmo dessa parte... da conscientização, da parte política, de conversar, porque eu acho que a letra, a música ela chega... a comunicação da música ela chega primeiro do que um passo de dança né. O passo de dança você tem que tá lá pra ver e a música não. Você mesmo distante, você consegue ouvir e entender a letra. É uma forma de comunicação rápida né. Chega primeiro.

Então eu gostava de mais. A minha letra sempre abordava essa parte de direitos, deveres né, raça, autoestima... é o que me prendia. Então eu lia bastante, pra quando tivesse com o mic na mão, ter uma qualidade. Gostava de fazer uns freestyle também, adorava. Hoje em dia eu me

contemplo com meu filho, com o Euder, então ele faz beat box, faz freestyle, canta também, então a gente vai se contemplando com isso aí.

E eu acho que... a última é... qual dos elementos você acha que é mais machista e por que? Pensando no Rap, na Dança...

Olha, eu acho que... o elemento... vou falar um de cada vez. O elemento dança, os dançarinos, nós permeamos em todos os outros elementos né, a dança. Então a gente permeia com o grafite na blusa, um grafite no tênis né, a gente permeia com a dança escutando um rap legal que dê pra dançar... é ... no DJ escolhendo uma música pra tocar. Então, a gente permeia todos. Então a gente tem que conhecer todos os elementos. Não tem como você conhecer a dança, sem conhecer os outros elementos. E o conhecimento também que é bom.

Só o que eu acho que é mais é... turrão assim, nessa parte, eu acho que é a parte... é os, os... o Rap, eu acho que os meninos do Rap é mais turrão. Mas hoje em dia as meninas estão... é... bem, bem firmes assim, na atitude mesmo, de se expor, de colocar roupa curta mesmo. E a minha roupa não é o que, o que me faz tá mandando uma letra em cima do palco, eu tenho direito também. Então eu acho que tá passando ainda... uma transição... como eu falei pra você: tem lugares e lugares. tem lugares que... que o conhecimento, essa parte do igual, por mais que tenha o Machismo como eu falei pra você, você tá ali junto e a pessoa não te cita, porque já tá acostumado né. Mas acho que no Rap, eu acho que é... é... é mais forte porque ainda tem aquele lance de ter muitos homens e poucas mulheres, e quando tem as mulheres é só no playback. Tipo assim, só faz backing vocal, fica de fundo... essas coisas.

E na dança, eu acho que na... é de igual pra igual, né. Na dança, assim... os meninos. Eu falo né, meninos. Somos em três mulheres na Back Spin, o restante todos homens, né. E a gente fala de igual pra igual. Tem a Carol, que faz projetos... ela dança, agora ela tá gravadinha, tem a Cris também e eu, a “uh, doida”! E a gente tem uma posição assim, bem legal da parte do respeito. Falou... tal pessoa falou, então tá, tá certo. Vamos conversar e é isso aí, vamo colocar em votação. De igual pra igual. Na BackSpin, na BackSpin, na minha crew, é assim né. E isso é muito bom, isso é gratificante.

Mas assim... é... dos elementos todos, o Grafite, no Grafite as meninas... elas, elas conquistam o espaço delas. Eu fico triste quando, pensa-se em fazer um evento só para as mulheres. Se a gente quer igual pra igual...

Você acha que seria melhor se...

É... É. É... É... melhor. É melhor porque você tá tratando de igual pra igual, é de igual pra igual. Não só é artista mulher, tem o artista irmão, tão aí, tem o mano que tá ali com você. Porque quando eles vão fazer evento, eles fazem mais evento que a gente, isso é verdade. Não tem como! Eles fazem mais eventos. E hoje em dia, o Hip Hop, acontece quatro, cinco evento em um dia só, em várias partes...

Em vários lugares...

Em vários lugares. Mas assim, o... os meninos, eles chamam algumas mulheres, de vez em quando e tal. Mas tem o lance do costume e as mulheres não se impõe. Se as meninas se impor mais, quando tiver algum evento ó, alguma pessoa chega lá na casa e fala “Will, é o seguinte, no próximo evento quero tá cantando. Eu pego meu grupo aqui e pá, sabe. Ah, vai ter... qualquer tipo de evento que pelo menos você quer falar, “ah eu vou cantar”, eu pegava e

ia pra cima. Hoje em dia na dança, a mesma coisa, eu quero fazer alguma coisa, sem grana ou não. Eu vou pra cima! Eu faço a oportunidade valer. Eu me dou oportunidade, né? Não só pra mim mas pras outras pessoas também que quiserem tá junto comigo. Vamo lá! Vamo fazer! O que interessa é fazer girar o Movimento, divulgar com clareza a Cultura Hip Hop, né... e é isso.

Sim.

Tem muita coisa ainda pra mim aprender. Com 40, eu não aprendi quase nada ainda. Tô na caminho... engatinhando!

Não sei se você tem alguma coisa a mais que queira pontuar... alguma observação que você acha importante...

Olha. A globalização, ela foi muito boa mas ela distorceu algumas coisas assim. Eu falo pros jovens em geral, pras meninas, pros jovens... distorceram parte da história mesmo, porque a gente se apropriou de uma cultura que não é nossa. A cultura é americana, dos Estados Unidos mas a gente adaptou algumas coisas do nosso país. E me deixa muito triste quando... é... não se tem uma pesquisa diferente sobre a verdadeira história, sobre Nova York, as gangues de lá, o que aconteceu né. Então assim, é... palavras conturbadas, histórias distorcidas, então assim é... eu fico pensando... Será que a gente lutou lá atrás, será que valeu a pena? Eu me pergunto: “será que valeu a pena?”. Aí eu reflito sobre tudo isso né, e falo “não, valeu a pena! porque na nossa época não tínhamos internet, não tínhamos celular, não tínhamos computador, internet na parte de computador. Nos usávamos... víamos os filmes no cinema e mandava carta por telegrama pra convidar as pessoas pra ir nos eventos... aí eu falo: “bom, você tem que entender!” Eu falo pra mim, “você tem que entender que aquela época foi boa, foi muito boa.” Mas essa época, é muito melhor. Você pode tirar o conhecimento das pesquisas que você faz, então quem passa errado as coisas é porque não pesquisou direito, porque eles tem uma gama de informação, uma gama de informação. Se você fica num lugarzinho só, ali batendo na tecla e não permeia os outros lugares, não vai conhecer a cultura mesmo de cada região, você não vai entender e não vai fazer a sua própria história assim, de concepção cronológica. Tipo ó, foi isso, isso e isso. Eu tirei as minhas dúvidas, eu peguei depoimento desse, peguei conhecimento com aquele. É isso aqui, eu tô com a minha opinião formada. Minha opinião formada é essa, né.

É isso que é minha tristeza porque eles tem um leque! Um leque de coisas legais e não aproveitam tanto. Então esse momento é melhor. É melhor que o lá de trás.

Por esse ponto sim.

É isso.

Muito obrigada!

Eu falo pra caramba, tadinha de você pra editar.

Você é a terceira. Vamo ver se eu vou ainda falar com mais gente...

Oi?

Eu falei com a Kessy, você a conhece.

A Kessy, a Kessy. A Kessy ela dança Popping né? Já acolhi, acolher que eu digo é na parte da dança. Porque se focou muito no Breaking, e as outras danças...

São várias modalidades né.

É! Então as outras danças ficaram, ficaram pra depois. Porque os outros locais de São Paulo é... o Movimento tá forte, o Waacking, tem o Locking, tem o Popping, sabe? E eu acho... é chato o jovem sair daqui pra ir curtir um encontro de Waacking lá longe, se pode... se tem um centro cultural, com vários centros culturais nas cidades, e você pode uma esse espaço né? Então eu acho que é a parte de política pública em relação a cultura Hip Hop. Para o jovem, eu acho que tinha que ser mais a... mais assim... mais é... mais discutido, mais falado porque eu acho que tipo assim ó, “o que me oferecer tá bom” né. E hoje em dia eles tem um monte de coisa, não é o que oferecer tá bom. É o que eu posso tá buscando pra melhorar mais, né. Eu acho que é isso.

Sim.

Tá bom, falei pra caramba. Mas tava esquecendo disso!

E planos pro futuro?

Ai, tenho vários planos pro futuro! Quero aprender outras danças.

Quem sabe eu também não comece a fazer...

Sim! Então, você tem quantos aninhos?

25.

Então, você é novinha menina! Olha! Ah, se eu tivesse o corpo com essa flexibilidade que você tem agora... ah que maravilha! Ah, é tanta coisa pra falar!

Se você for parar pra falar vai ser...

É muita coisa, é muita coisa!

Não é?

Não dá pra falar!

Muita história!

É que assim, hoje é dia...

Hoje é dia 12 de dezembro...

Eu dei a primeira oficina infantil aqui da cidade. Porque assim, o pessoal antes treinavam, ensaiavam todo mundo junto, independente da idade das crianças, aí eu senti essa necessidade de tá dividindo por faixa etária e uma abordagem totalmente pedagógica, lúdica para as crianças daqui e deu super certo.

Aí eu tive que me formar em pedagogia, tive que fazer pedagogia porque o currículo era bom, mas eu não tinha diploma. E os outros professores, os professores da rede pública em geral,

eles ficavam muito puto da vida, né. Falavam “ah, como ela entra nas coisas assim e não tem pedagogia?” eu: “Oi? Eu vou fazer pedagogia só pra ter o diploma.”

Se o sistema quer, né?

Me ajudou demais, é muito bom. Você... nessa parte de... de... relatar, colocar de uma forma coerente que eles entenda o seu método pedagógico, né, de aplicação de movimentos, da aula, tal, a propriedade e o objetivo, fica mais claro né. Não fica tão rua... era isso, então tá bom, né!

Muito obrigada!

Entrevistada 4: Luiza Iara Lopes Silva

Então me fala por favor seu nome, idade e de onde você é.

Meu nome de batismo é Luiza Iara Lopes Silva, é... mais conhecida como Yzalu, é... tenho 36 anos de idade, sou nascida em São Bernardo do Campo. É isso.

Sim. Me conte um pouco sobre a trajetória no Movimento Hip Hop.

Primeiro começou com o violão, tive acesso primeiramente com o violão, que a partir do violão me abriu vários portais. Um deles foi o acesso, a proximidade com a música. É... e... uma menina oriunda da periferia, com o violão na mão pode fazer muita coisa né, pode desbravar muitas coisas. É uma... um portal de possibilidades. Então a partir do violão... ai! eu tô com o zíper aberto! ah!

O passarinho vai voar!

Mas, voltemos. Aí, o que acontece. O Rap sempre esteve presente na minha vida porque o rap é vivência, realidade, e a minha realidade batia muito... muito na na porta da minha casa. Eu via tudo acontecendo ali quando eu abria o portão de casa né.

Mulher que sou, como muitas mulheres e principalmente da minha geração, mulheres tinham que ficar em casa né, os meninos podiam desbravar o mundo, podiam sair pra rua, podiam fazer o que quiser. Então muitas informações também chegou do Rap, da música Rap, é... foi meu irmão que trouxe porque ele tinha... ele podia vim pro centro de São Paulo, por exemplo, desbravar aqui, conhecer a movimentação que tava acontecendo aqui.

É... eu já tinha o conhecimento do Rap nas festas de família, porém... é... no ano... 2000 mais propriamente quando eu tive um acesso muito mais próximo do meu violão com o Rap. Porque eu escutava muito Rap nas rádios, era onde eu tinha acesso, eu não tinha acesso a MTV, não tinha...

Sim.

Então, eu... ao... ao escutar o Rap eu tinha uma facilidade de decorar. Então, tava ali com o violão, acabava passando isso pro violão. Então foi aí que começou a sentir essa identidade minha... da proximidade do violão e do Rap né. Muito influenciada por Lauryn Hill. Então... então é isso, assim... a proximidade foi essa, da realidade, de enxergar a sua quebrada, e de escutar um Rap e se identificar naquele Rap porque isso era a realidade que tava acontecendo na minha quebrada, e... é... é... e entender que isso é música, que isso é... é expansão de

mente. Então, a partir do momento que eu entro no Rap, eu me enxergo na possibilidade de fala. Porque em outros gêneros talvez, com o violão na mão sendo uma mulher, oriunda na periferia, preta de pele clara mas consciente da minha existência, de uma mulher preta, é... com uma limitação física, então... então tudo isso me fez entender que talvez o Rap seria o local onde eu poderia ser ouvida, entendeu? Mas tudo muito subjetivo ainda, nada muito...

Pensado...

É! Muito... sabe... esmiuçado assim. É isso.

Aí a pergunta seria, qual a motivação pra você se tornar parte do movimento... você acabou...

É, na verdade a motivação, acho que maior, principal... porque antes eu só tocava um violão, eu só queria tocar meu violão, ir pros lugares, enfim, não tinha muito assim essa pretensão de ser uma artista, certo. Mas quando eu conheci a Dina Di, quando eu troquei uma ideia com ela, eu ainda, nem era Yzalu, ainda. Eu só tocava o violão. E aí a gente teve uma conversa de bastidores, sabe. Tinha ido nesse evento de Rap que era São Bernardo inclusive, que era os acessos que eu tinha. Então tinha um evento de Rap próximo do meu bairro, então eu fui nesse evento, e... e... ali... ali foi quando eu troquei essa ideia com ela.

Você se lembra quando foi esse evento?

Não, minto. Não foi perto da minha casa esse evento, foi na Peruche. Perto da minha casa foi a primeira vez que subi num palco de Rap mas lá na Peruche eu pude ter essa conversa. Foi em 2006 se eu não me engano. Acho que foi em 2006, não lembro. Assim... foi no finalzinho... foi dois meses antes d'ela falecer. E ali eu tive a certeza que se eu seguisse esse caminho, eu queria ser uma mulher como ela no quesito humildade, simplicidade, olho no olho. Eu entendi que o Rap feito por mulheres, era isso assim. Esse lance de você ser apenas uma mulher, você não tá na arte isso e aquilo mas respeitar a outra simplesmente por ser. Entende?

Sim.

Então, a partir desse momento que eu conversei com a Dina Di, eu falei assim: nossa, se eu um dia seguir essa caminhada eu quero ser como ela, assim. Sabe? E ela foi uma mana que aí eu troquei uma ideia com ela, eu falei assim: eu toco violão! e ela falou assim: nossa! eu também toco! e eu falei: vamo fazer alguma coisa! e ela: vamo!, aí dois meses depois ela veio a falecer isso pra mim foi bem impactante porque eu nem tinha tirado foto, nada como fã, entende. E foi aí que foi a motivação principal, assim.

Sim, o ponta pé. E o Movimento Hip Hop significa o que pra você? Tem um significado só, são vários significados...

Vários signos. Sobre assim... o primeiro assim... quando eu falo né, é o Rap tio, que me tirou do mundo frio. É justamente isso né. Ele é... ele tem essa... essa particularidade do frio, né, do físico mas não necessariamente esse frio. O frio é informação também né. Eu venho de um... de um lugar que com certeza você deve saber que a informação é muito difícil de chegar. Então eu, enquanto uma menina até então, uma garota querendo desbravar o mundo, sabendo das... das minhas condições, entende? É... mas, o Rap, o Hip Hop, o Movimento me deu a esperança. Senti com a esperança das possibilidades, entende? Da onde eu poderia

chegar com a informação, sabe? Onde eu não tive essa informação talvez numa escola pública, mas no Rap eu pude acessar informações que pra mim me empoderaram enquanto uma... um ser né... que tá nessa... nesse plano, nesse segundo plano, totalmente louco de pessoas se matando, se esfaqueando, se estapeando, de... de falta de amor...

Sim.

É... Então o Movimento significa isso, esse respirar. Essa possibilidade de... de... de... de alcançar esses planos assim né. Porque a informação é a base, né. Então, o amor é a base, a informação é a base, o respeito, enfim. Mas a informação... a partir do momento também que você acessa essa informação e você consegue enxergar os seus ali, não é...

Se identificar.

É, a identificação. Então... acredito que foi isso assim.

Essência Black é um grupo de Hip Hop feminino que foi meu primeiro contato com o Rap.

Com mais duas pessoas?

É então, é isso. São as possibilidades que a gente cria.

E você acha que sofre opressões no dia a dia por ser quem você é? Eu sei que essa pergunta é um pouco óbvia...

Clichê...

Mas...

Sim! Com certeza né. Nós todxs que tá aqui nesse local, estamos sujeitos né, a... a... sofrer essas opressões. É... é angustiante e incomoda ter que assumir que isso é real mas, a gente é que sofre na pele... é... No entanto, o incômodo revolta? Tá, a partir do momento que você existe nessa Terra, nesse plano. Você só existe. Você não tem culpa de você ter cor, você não tem culpa de ser a uma mulher, você não tem culpa da sua sexualidade. Você não tem culpa de nada! Nós apenas existimos.

Somos.

Apenas somos! E os recortes foi nos colocado, impostos. Assim, é isso você vai entrar nessa...

Caixinha.

Caixa... você fica aí, né. Sabe.

Sim.

Então esse é o incômodo, essa é a revolta! Porque eu gostaria de existir e de ter a abundância, a prosperidade para mim e ela... a... às vezes pode não chegar por apenas eu ter recortes e é revoltante. É isso.

E você acredita que essas barreiras e opressões também estão presentes no Movimento por você ser uma mulher? Você sentiu alguma dificuldade?

Então é... assim, é mais um clichê de perguntas porque é óbvio que eu vou ter, a partir do momento que eu vivo em uma sociedade que é totalmente opressora.

Sim.

Né. Uma sociedade que realmente te julga pelo seus recortes! Então assim, se eu sou... se eu sou uma amputada, uso uma prótese na perna eu de uma certa forma... a falta de conhecimento das pessoas em relação a isso, faz com que a outra pessoa ache que eu não tenho uma capacidade de raciocínio, entende?

E que interfere...

E que... e... isso acaba interferindo nas relações, né. Então. E ainda mais quando você tem a consciência junto com você. Você tem a informação e você é consciente.

E tem acesso...

Uma mulher preta, uma mulher com os meus recortes, consciente é uma ameaça. Eu sinto isso, entende? Você ter a consciência da... da... do ser brilhante que você acha que você é, incomoda porque a gente não pode ter autoestima. Eu tenho! Trabalho ela! Todos os dias porque a minha cabeça, se seguir no sentido de... de... de me alimentar da pessoa que eu sou e ter a certeza disso. E... e que o que foi desenhado por essa sociedade não vai, não vai interferir porque eu sou isso, independente do que você acha. Eu sou essa mulher brilhante, única porque todos, porque todos nós somos únicos nesses... nesses... nesse ambiente, sabe? O que acontece é que muitas vezes quando você expõe esse uno que tá dentro de você pras pessoas, incomoda, ameaça porque na verdade aquela pessoa não tem a capacidade de ser isto.

E a partir do momento que te enxergam com esses recortes e essa pessoa teve todos os privilégios possíveis e...

E não enxerga...

E mesmo assim ela não consegue ser única na vida dela, incomoda. Olhar pra você e falar: “Nossa, mas você sobreviveu a tudo isso e você ainda tem amor pelas pessoas, pelo próximo? Você ainda tem respeito?” Entende? Então essa... esse é o desafio. Tipo: “Nossa, você tem uma prótese e tá feliz?” Como assim, quero entender, qual... que fórmula é essa?” Não tem fórmula, não tem.

E aí, quais temas você costuma abordar na sua produção artística?

Os temas de um olhar, de uma pessoa que tá aí viva, atenta, com olhar vivo, do agora, sabe? Não da miopia que foi... que não precisa nem de Bird Box pra colocar, sabe? As pessoas já estão, tipo de fato, não estão enxergando as coisas.

Então eu acredito que o artista em si tem esse olhar, né. Eu acho que... eu não acho que existe arte ruim, né. Eu acho que a partir do momento que você sente de explorar e colocar pra fora whatever, tá valendo, entende?

Então é isso, o meu olhar é esse, de uma mulher que vive na sociedade que vive todo esse... Essas opressões diárias mas que não quer só falar de dor. A gente já fala muito de dor, eu quero falar das minhas conquistas agora. Entende?

Sim.

Mas eu vou falar das minhas conquistas para as minhas, elas vão entender e esse é o respirar, e esse é o respiro das possibilidades. De uma mana se enxergar na minha fala reproduzir algo pra ela, pra o bem dela, entende? É isso.

E também a questão de ficar perguntando a questão das opressões, eu sei que é uma coisa...

Ótimo, ótimo...

Pra reforçar mesmo, eu quero falar sobre a questão do hip-hop como lugar de fala. Aí na questão dos elementos não sei se você passou por eles ao longo da vida, não sei se você chegou a dançar ou algo do tipo. Mas, qual dos elementos você sentiu mais o reflexo do machismo, que você acha que é mais machista como elemento do Hip Hop e por quê.

Ah...

Se é que tem...

Poxa, eu acho assim... Eu não quero recortar isso, sabe? Não quero recortar. Eu acho que tá aí. e aí a gente fala, é um desafio pros caras eles entenderem que nós existimos, nós estamos com a fala e nós estamos produzindo. Nós já enxergamos que nós não dependemos... Sabe? 100% dos caras pra fazer as nossas coisas. Hoje você vê mulheres, tanto com o mic na mão, quanto com a pick-up, com... grafitando... Você vê mulheres em todos os lugares dentro do Hip Hop, produzindo. Então as mulheres têm se armado com as ferramentas necessárias pra poder... É... Sabe? Remar, enfim. É lógico que a gente ainda não tá a altura do que os caras já conquistaram, no sentido do avanço. Os caras estão mais avançados em relação a gente. Os caras... a gente tá atrasada em algumas questões mas eu acredito que as nossas próximas gerações de mulheres, vão conseguir colher o que a gente vem carpindo.

A Dina Di...

Sim, sabe? Não é nem plantou porque as mulheres elas sempre estiveram no hip hop, elas sempre estiveram ali. Óbvio que... É... Em muitos momentos inviabilizadas porém elas sempre estiveram. Então eu não considero que Eu plantei junto com uma Dina Di, com uma Negra Li, não! Mas foram por elas que eu também dei continuidade nisso. E eu sei que eu carpi muita coisa. Eu sofri muito, muito... muitas opressões dentro inclusive. Pelo violão, que não é algo comum dentro do hip-hop onde nos Estados Unidos já se fazia isso com a própria Lauryn Hill. Aqui as pessoas não conheciam. Eu vinha desde 2004 fazendo rap no violão. Então é isso a gente está produzindo. E os caras vão ter que aceitar porque senão realmente o... vai ficar pra trás. O movimento, infelizmente acaba excluindo as pessoas que são limitadas. Porque o rap é justamente isso, o rap é de marginal pra marginal. E a mulher por si só é marginalizada, entende? Por si só ela é marginalizada. Então o rap tá... Tá dialogando com ela. E por que essa ascensão toda de mulheres? Porque hoje é o momento dessas... dessas mulheres que estão com o mic na mão falar... o que muita coisa ficou engasgada por muito tempo, que os caras já falavam lá atrás que eram o... as opressões que eles sofriam, a polícia, o racismo... a gente tem outra fita. Entende? A rua, pelo menos pra mim, eu interpreto de outra forma. Entendeu? Porque eu... eu por muito tempo tive que ficar dentro de casa. A rua pra mim é outra fita, porque eu tenho outro entendimento de rua. Mas por quê?

Porque a nossa vivência é diferente e isso precisa ser respeitado. Se não respeitar, infelizmente é o curso natural das coisas.

Sim. Tem algo a mais que você queira pontuar, que você acha importante falar que eu não perguntei ou que a gente não falou.

Talvez a questão de que somos seres de luz aqui nessa Terra em constante... em constante evolução, sabe. Nós não pedimos pra ser o que somos no sentido do olhar, do que foi... do que foi colocado pra gente. A gente... mas ao mesmo tempo estamos aqui e a gente merece a abundância, a gente merece a prosperidade, a gente merece sonhar, é o nosso direito também. Então, permaneçamos de pé, permaneçamos de cabeça erguida. São tempos difíceis que estamos passando. Porém, a gente já passou por muitas coisas. A gente pode passar por essa. A gente tá cansada, eu sei. Não tô tirando esse lugar. Nós estamos cansadas. Mas, infelizmente no nosso lugar, se a gente se enfraquece, se a gente se cansa é... é capaz de tudo se desmoronar. Porque, uma mulher preta é... pra que ela possa se movimentar depende dela, entende? Porque é muito mais profundo. Então assim, saiba que somos seres de luz nessa Terra, que temos nossa escuridão e é importante a gente se aprofundar na nossa escuridão, no nosso interior e tirar o maior proveito, sabe?

Buscar transformar, revolucionar a nossa volta, a raiva pro nosso bem. Porque, pode ser clichê, mas o amor é importante. O amor é o que vale, é o que move. Se você não tem mais amor, você precisa repensar. Mesmo em tempos difíceis. É isso.

Muito obrigada!

Eu que agradeço! Espero ter contribuído!

Muito obrigada mesmo, eu admiro muito você, vamos tirar foto só para registrar?

Por favor!

Entrevistada 5: Ildenira Lopes de Sales José

Me fale por favor seu nome, idade e de onde você é.

Meu nome de registro, desse registro aí do sistema é Ildenira mas dentro do Movimento é Nenesurreal. A idade, 51 anos.

E de onde você é.

Eu nasci em São Paulo, na Vila Mariana mas eu vim pra Diadema com quatro anos de idade. Sou paulista né, nasci na Vila Mariana.

Me conte a sua trajetória no Movimento Hip Hop, a relação que você tem com ele até mesmo pelo que você relatou há pouco.

Então a minha trajetória... eu venho do pixo né, venho do pixo. Começou a pixar com os amigos né, aquele processo de ser uma mulher dentro desse movimento, de ser uma mulher negra dentro desse movimento... então, eu começo no pixo mas sem pretensão nenhuma. Era o rolê que os muleques faziam, os moleques da quebrada vão pro centro pra se apropriar do espaço. Então a gente fazia isso. Fazia muito isso, mais na quebrada porque o acesso pro centro, ele não era tão tranquilo né.

E... e aí começo também fazer... já desenhava muito, já venho de uma família é... de artistas né. Venho da criação de uma vó que era. Hoje eu consigo entender ela como uma puta artista assim, minha referência hoje, minha vó né. Só que pra mim a arte era outra coisa, era um hobby né. Porque eu... eu tava já na saúde né, eu sou da área da saúde, trabalhando em hospital e... é... como sobreviver né por esse rolê né? E nem era pretensão ser artista, jamais né. O povo preto, tem determinados lugares que já são né impostos “não é pra você. E venho com esse... essa coisa do grafite, de fazer informalmente mesmo, quando dava. Engravidei, nesse meio tempo. É... e aí fui ser mãe. Fui ser mãe, mas eu sempre tava com aquele bichinho do... da arte enfim, do grafite. Porque é muito diferente você pintar dentro de um ateliê e pintar na rua. A rua ela tem uma... seu trampo, ele... ele... ele segue outra trajetória que não é a sua. E isso pra mim é uma coisa apaixonante assim. O trampo, até na construção do trampo, é muito raro falar “é um trampo só meu” porque tem várias interferências né do... do... do meio em que você está né. De você entender o meio assim. Quando eu chego em qualquer lugar pra pintar, eu tenho muito respeito com esse lugar porque eu preciso primeiro entender, eu não posso chegar e vomitar meu trampo. Em alguns, em alguns lugares eu devo fazer isso. Mas isso foi uma coisa que eu aprendi com os amigos. Respeitei o lugar que você for pintar, mesmo que seja um pixo. Respeite esse lugar.

E aí eu fui ser mãe né, fui mãe muito nova, aos 16 anos. Fui... aí logo em seguida eu fiquei viúva. Eu tinha um relacionamento com um homem que fazia parte de um movimento de gangues de Diadema, é... e ele foi assassinado né... é... bem próximo a minha casa.

E aí eu fiquei viúva muito nova também, quando eu fiquei viúva minha filha tinha 3 anos, e aí eu comecei... eu falo que eu comecei a viver a partir dali. Porque até então, essa coisa da mulher... a mulher negra, dela sofrer violência doméstica, é muito louco assim. A gente precisa entender esse rolê, essas mulheres. Porque... é aquela mulher que fala, que tem uma fala muito parecida com a que eu vou fazer aqui, que é assim ó: “ah, ele me bate mas às vezes ele me leva no forró, às vezes ele compra algumas coisas legais, às vezes a gente faz um amor... e aí eu vou entregar ele? A polícia já vai pegar ele em algum momento.” E é muito doloroso ouvir essa mulher que sofre violência e mesmo assim ela tá pensando nos seus né, nos seus homens negros que são mortos todo dia né. E eu sofri essa violência né. Eu sofri essa violência e mesmo assim ainda hoje eu não consigo apontar esse homem incrível, não consigo... é... teve... teve muita dor nesse relacionamento mas eu não consigo ainda apontar esse homem né. E eu queria apontar esse homem. Mas, a conexão nossa foi... foi uma conexão tão foda que eu não consigo fazer esse apontamento. Esse homem, ele foi assassinado! Então assim, seria até tranquilo... eu não consigo sentir raiva, sabe? Sentir raiva desse homem que me violentou de várias maneiras... enfim.

E aí criei minha filha, fui pra área da saúde, porque foi determinado pela minha mãe que eu ia trabalhar na área da saúde, o que é muito louco, as mulheres negras todas tão lá na área da saúde que também é um tipo de... de... de trabalho doméstico, a área da saúde e é um trabalho braçal... ai, brigada. Tava procurando aqui, tenho mania de colocar...

Aí fui pra área da saúde, e logo depois eu... resolvi... aí quando minha filha se forma, terminou a Pós eu resolvi começar a faculdade de Artes. Aí comecei minha faculdade de Artes numa faculdade que tinha 80 alunos na sala... aí eu falei “mas gente, eu só quero... eu não quero dar aula! Eu não quero...”. Tinha que brigar pelas cadeiras, era muito louco assim.

Aonde você estudou?

Ali na FAMEC (Faculdade de Educação e Cultura Montessori) que era uma faculdade que tinha um pessoal que fazia Pedagogia... e toda professora ela faz Artes pra... é... eu não sei muito bem como que é essa... como que funciona isso mas eu sei que elas fazem porque pra elas, elas podem pegar mais aulas... uma coisa assim.

Então minha sala, era cheio de professoras. E eu falava “Não é isso que eu quero, né, tô procurando técnica”. E nem era técnica também na real, né. E aí mudei de faculdade, fui pra Faculdade Paulista de Artes que foi massa mas também não... não me deu bagagem. Me deu alguns mestres incríveis que eu encontrei dentro da faculdade que me ajudaram muito nesse processo de segurança... até hoje eu acho que não tenho segurança no meu trabalho assim. Que é muito louco. É... é um trabalho que ele... ele vem me levando, eu não tô levando o trabalho. Eu não consigo... às vezes eu quero fazer outras coisas, e aí não, fica essa coisa em mim e eu não consigo fazer outras coisas dentro do trabalho né... mas tô deixando ele me direcionar, tô mais confortável antes.

Quando eu vou pra Academia teve um conflito, assim. O meu trabalho era um trabalho, é um vômito né. E dentro da Academia, ela exige a técnica e eu queria a técnica pra usar de outra maneira e foi um conflito grande assim. Encontrar esses mestres foi muito importante porque aí eles me direcionaram assim, eles num mexeram no meu trabalho, não... não... não mudaram a minha visão do... do que eu tinha em relação à arte, mas eles me deram... é... me de... me incentivaram a continuar fazer o que eu tava fazendo. E aí eu falei “pô, então eu acho que tá massa.” né.

E aí termina a faculdade, cheguei a fazer estágio na 29ª Bienal que é a Bienal pós pixação que foi uma bienal bem importante assim, foi riquíssimo. A gente conheceu todos os educativos de São Paulo. Você não consegue... nossa, conhecer todos os educativos de São Paulo é sonho né. A gente conheceu, a gente conseguiu e tinha uma turma bem legal falando de pixação, foi louco. 29ª pra mim foi...

É a que teve o JAMAC também?

Eu conheço o JAMAC, conheço a Mônica. É... fiz um... eu tenho uma escultura lá, não sei se ela tem ainda né. A Mônica tem uns processos muito loucos né. Assim né... de organização mas é... eu dei uma passada.

Só que a 29ª eu não lembro se teve algo do JAMAC na 29ª... tô na dúvida agora se foi na 28ª ou da 9ª do vazio...

Isso.

Ou essa de falar dos terreiros né. Que essa fala dos terreiros. Não lembro.

Acho que não.

Acho que foi a 28ª. Mas também não tenho certeza. Acho que é isso. Respondi? Não, né. Fugiu um pouco da...

Não... só se você identifica como participante do Movimento , até você citou...

Sim.

Quer que eu ... pra você?

Não, tá de boa. Só tô procurando a cerveja. Tá no meio das minhas pernas.

Então, sim. Porque o Movimento, ele me salvou né. Como eu falo, começo na pixação com os meninos que faziam parte do Movimento, Cultura Hip Hop. Eu... eu sou dessa escola que entende o Movimento como cinco elementos. E o Movimento, ajudou a criar minha filha. Minha filha, ela foi criada dentro dessa casa... é... do Hip Hop, que é a casa que compactua com essa dor que eu carrego hoje, sabe. De ter sido ameaçada e exposta de uma maneira tão vexatória, de uma maneira tão... tão... tão podre, por um homem branco, de dentro do Movimento de Cultura, sabe. Eu acho importante frisar que é um homem branco dentro de um Movimento de Cultura.

E não foi porque eu sou ameaçada, dentro dessa Casa que salvou minha filha, que me ajudou a criar minha filha. E eu sou ameaçada, não foi porque eu tava tretando por causa de muro, eu tava tretando porque... Foi porque ele foi machista e eu aponteí esse machismo e ele foi racista e eu aponteí esse racismo. E aí eu fiquei em choque, que esse lugar que me salva é o lugar que me causa dor hoje também, que salva minha flor. Esse lugar... é... é louco. Esse lugar, ele não tá me dando voz. Eu tô arrancando mais uma vez. Não me deixaram entrar na Casa, não foi que me liberaram. Eu fui... eu tô entrando metendo os peito mesmo. Falando “Não, eu vou! A gente vai ocupar, de qualquer maneira.” Porque o Movi... eu sou uma mulher de 51 anos né e eu penso que... uma mulher de 51 anos, ela ser ameaçada por um homem branco, era pra parar todos os Movimentos que são relacionados à Cultura Negra. Eu penso assim, sabe? Era pra todo mundo se posicionar, né. E aí eu... hoje, é... eu não quero que fique nenhum trabalho meu na Casa de Hip Hop de Diadema. Eu quero que apague todos.

Você fez um em...

Eu fiz alguns lá...

Recente, no dia que eu fui lá.

... veio da homenagem do dia do Grafite e depois veio mais alguma coisa que eu fiz lá, que foi um convite das meninas de participação e acho que fiz mais um também por conta de... foi agora, recente.

Sim.

Recente, acho que foram todos agora, 2018 mas eu não quero mais. É... esse lugar, ele... ah, ele quase acabou comigo, ele foi conivente, ele compactuou com esse homem que representava esse lugar, que representa, que é da Cultura Low Rider. Tenho minhas ressalvas mas que se diz do Hip Hop, sabe? E... e eu não quero mais, assim. Provavelmente vai ser a última vez que eu entre na Casa. Não quero mais entrar na Casa, não quero, não quero mais essa ligação com esse espaço apesar de ainda... Desculpa... achar muito... muito importante esse lugar, esse Movimento, sabe? É... mas eu não quero mais. Ai... eu acho que...

Você se sente à vontade pra falar mais alguma coisa?

Não tá tranquilo, vamo falar sim. Eu acho importante porque apesar dessa dor aí, sabe, eu venho tentando controlar essa emoção mas tô aí... preocupação, mô resposta, as mana vindo de carona de outros lugares, sabe. Tem mulheres de vários lugares do Brasil e...

E, junto com você né, nesse momento difícil.

É, mô difícil e é maior responsabilidade. Queria tá tranquila agora, eu estaria de férias... que... é... eu só agradeço às Deusas porque eu venho fazendo muita coisa dentro do Grafite, sabe? Ganhando moeda mesmo... Não é... Não tô... consigo pagar minha comida, consigo pagar as minhas contas, sabe? Então eu venho fazendo bastante coisas. Não vou reclamar disso, sabe? Mas que também não é dentro da Cultura, do Movimento Cultura Hip Hop né, são outros lugares porque eu... não sou uma... uma pessoa fixa porque até nisso... o Movimento, ele demora a me reconhecer enquanto grafiteira. Em Diadema, até o ano passado né, tem umas meninas que tão pintando né mas ... fazendo muita coisa, eu sou a mulher que tá pintando em Diadema, né. E eu acho que isso daí deveria ser um... uma... uma... honra pra cidade ter uma mulher de 51 anos subindo mais de 8 metros... e essa dor de... de não entender os coletivos, sabe? Porque os coletivos não chegaram em mim e são pessoas que me conhecem e eu não entendo. Eles também não tão contra mim... eu tô usando uma frase que “eu tô igual a novela da Grobo”. Sabe novela da Grobo, todo mundo... ninguém vê, mas todos mundo assiste? Eu sou um capítulo... acho que tô chegando no 50 aí. Capítulo 50. Porque eles não tão contra, mas eles também não tão a favor, sabe? E isso é muito doloroso porque esse Movimento é muito importante pra mim. É muito importante. Ele me salva, salva a minha filha, então... eu tô nesse rolê de preocupação com essas mulheres que tão chegando... vai ser foda, vai ser um rolê gigante com mais de 12 horas com certeza, a gente vai ultrapassar, não vai ter jeito mas eu não queria até pela segurança das mulheres da volta...

Sim, com certeza.

Né... é um... é um sábado, a gente sabe que São Paulo é bem louco, então tô preocupada assim, tô... a gente tá com uma van, que essa van eu tenho que pagar 350 reais nessa van pra fazer Casa do Hip Hop e Jabaquara. Vocês conhecem aquele trajetinho...

Sim.

É ruim o acesso ali né.

Sim.

E aí tem as meninas que precisam trazer equipamentos, por exemplo a Aline, sabe? Tem as meninas da Sambadas, com um monte de coisa pra trazer... a gente precisa... é... minimamente... é... eu não posso convidar você pra ir na minha casa e não ter a comida, sabe? E não ter... então, eu penso muito nisso. Então a gente vai ter uma comida legal e tudo isso é grana, não tenho essa grana, sabe?

Sim.

A gente tá nesse rolê da Vakinha, sabe?

Que você me mandou o link.

E tá bem pequena, porque ela tá aberta pra todo mundo e dá pra você ver o valor que tem lá. E esse dinheiro, não... não... não vai ser revertido pra mim, vai ser revertido pro rolê.

Sim.

Pro rolê, pra receber essas meninas de Sorocaba, que tão vindo também e eu vô... minha casa tá lotada de muié! Não cabe mais muié na minha casa! E também tenho que... que... que receber essas mulheres! E nem queria tá organizando esse rolê gigante, tem a Aline que veio me fora. Mas tá me fritando! Tem mulheres incríveis somando, sabe. Incrível! A gente vai passar a programação e vocês vão entender, o tamanho do rolê. Tem mulheres incríveis ajudando na programação, sabe. Não tô fazendo sozinha. É um rolê bem horizontal, a gente tá construindo juntas né. Mas é... eu tô preocupada, tô preocupada com todos os assuntos, são muitas demandas pra esse rolê, sabe. Nós vamos ter... Aline! Acho que é 7 DJ!

Num dia!

7 DJ!

Em um dia!

7 DJ! Em um dia. Então assim, a gente tá falando dos 5 elementos né, a gente vai falar dos 5 elementos mas a gente vai tá falando dos simpatizantes né, porque o Hip Hop tem os 5 elementos mas ele tem por exemplo, é... é... o pri... a prima que é o Jongu, que é o Maracatu, e vai ter... essas coisas vão tá todas conectadas nesse dia também. São várias rodas de conversa, vários docs, feira, sabe? Esse espaço Erê, que é um espaço que eu venho pensando há anos e... e talvez agora vai rolar de fato, o espaço pra mãe que quer participar, que a mãe quer pintar e como ela vai pintar com uma criança? Como que ela vai tocar com uma criança, né? E ela vai deixar essa criança, ali pra fazer uma atividade, e ela ir fazer o rolê dela

Com a cabeça na paz dela...

Sim, tranquilo. Porque não é pensado quando... é... como a mulher vai se organizar pra estar num espaço. Porque a nossa organização pra estar nos espaços, é diferente da organização de um homem, é muito diferente.

E ainda mais o Grafite.

Sim, sim! Por exemplo, hoje tá rolando uma parada muito importante se você conseguisse colar ia ser incrível, mas é longe, muito longe. As meninas tão ocupando a Escadaria Marielle. É... elas pintaram, e os caras vieram no atropelo e hoje elas tão lá, nessa demanda de ocupar. E aí elas... é... a gente trocou umas ideias e elas conseguiram, é... fazer pensar nos recortes, pensar que as mana preta no final de semana, como elas vão chegar no centro? Na Oscar Freire? Sabe? Pensar...

Olha como não respeitam, acho mô louco isso...

Pensar em se deslocar, porque a gente sabe... eu imagino quanto tempo vocês demoraram pra vir de lá aqui,

Eu ainda vim... vim de carro.

Ah, tá...

Mas se fosse de ônibus, eu ia demorar sei lá, umas duas horas.

E nosso rolê, é final de semana, final de semana a linha amarela para, o trem para...

Manas, é... manas... é... Oi! Oi! Elas tão gravando! Desculpa...

Eu que peço desculpas.

É... onde eu parei?

A distância do local...

A distância do local, do rolê. Então as meninas tão saindo, por exemplo, saiu uma menina daqui de Mauá e aí ela tem que ir lá pro centro, perto da Oscar Freire. E, como que ela sai daqui e no domingo pra chegar lá, pra pintar e pra voltar. Porque não é só a ida...

Tem a volta.

Né? Então as meninas que organizaram, são mulheres brancas, e a gente trocou uma ideia e elas entenderam. E a gente começou a fazer uma troca, até de inserir, dar prioridade pras manas pretas pintarem. Então assim, tem um número grande de mulheres pintando hoje nessa escadaria, sabe.

Os eventos, eles precisam se preocupar com isso, com essa demanda das mulheres.

Sim.

E não é só a demanda de convidar. “Ah, eu convidei e não veio”. É mano, porque às vezes não dá pra ir. Às vezes a gente não consegue.

Não é só o convite.

A pessoa não tem essa questão do transporte, pra ela é só vir e a pessoa vai tá lá.

Sim. E lá elas também tão organizando esse espaço pras crianças, elas tão lá nessa demanda de apoio pras mulheres que são mães e vão pintar né. Então, é isso, sabe. É só cada um fazer, é... o seu dever de casa, certinho...

Preocupar-se com o outro.

Sim, sim! porque não adianta você ser de luta, falar “Ai, eu sou do Movimento, eu somo.” Soma como mano? Articulando... articulando a gente tem um monte, tem milhares de pessoas articulando. A gente não precisa mais de ninguém articular, a gente precisa de ações reais, sabe? A articulação tem que vir mas de uma forma de melhorar essas ações. Não de ficar só... e vim com essa forma de Academia, essa fala de Academia não nos representa, ela não nos fortalece em nada. Ao contrário, a gente é mais oprimido quando sai algumas coisas da Academia, sabe? Então a gente precisa repensar... é... essa coisa de... dos espaços, como vão se organizar. E a Cultura e o Movimento ele tem que... ele é responsável por isso porque é um movimento que é voltado pra quem é da rua, é da quebrada, sabe?

É contraditório o que ele faz hoje de organizar eventos fechados dentro dos espaços, não se preocupar com as mulheres, não se preocupar com ter 50% de cada, de cada um, porque a gente precisa, a gente tem que se preocupar. Então a gente tem... os espaços tem que ter os homens, é... igualitário as mulheres, os trans, as lésbicas, os gays... a gente tem que ter os recortes! E as crianças, a gente tem que inserir as crianças que são a base, é isso. É isso, é simples é só querer fazer.

Eu não sei se você tem um tema pras... pra sua obra artística, se você consegue definir isso.

É, eu não tenho... é, não dá nem pra falar que eu não tenho uma temática no meu trabalho né. Meu trabalho é muito voltado pro negro né, pra mulher negra, enfim. É... porque é a minha verdade. Eu acho que... eu penso que a arte só faz sentido pra mim se for a sua verdade. Se eu senti sua verdade, pra mim é a sua arte. Então pra mim, a minha verdade é essa.

Já fui muito criticada por conta desse trabalho porque me neguei a usar a técnica do Grafite, é...

As caixinhas e as caixinhas...

Sim! São as caixinhas... porque se você não for, não fazer a técnica Y, e eu me neguei... porque... São várias tretas, eu sou uma pessoa treteira. São várias tretas no rolê, né, de você tá no rolê, de você firmar no rolê, ser respeitada no rolê, de você colocar o seu trabalho no rolê, né.

Então assim quando... eu me neguei a Academia. Hoje eu sou respeitada, hoje me respeitam, aí falam “a técnica da Nene”. Más durante muitos anos: “O que você tá fazendo!?”, “Você não sabe fazer!”... Mas também não me ensinaram. As pessoas que questionaram também não vieram. “Mana... é... pô de repente... é legal ensinar, dividir.

“Olha, de repente você faz um recortezinho...” Quando me ensinaram era de uma maneira... é... de me oprimir mesmo, porque já tinha uma parada de fazer os murais, tem ainda uma... o Grafite ele é isso, é mural e a gente pra fazer o mural, tinha que encaixar todos os trabalhos. Mas aí eu tava com uns caras que são realistas. E aí pra pintar com esse caras, eu tive que chegar no nível deles porque se não, eles não iam permitir, mesmo sendo meus amigos.

Então toda hora eu tava ali fazendo aí vinha um e falava “Olha, faz um risquinho aqui”, “Olha, faz uma manchinha...”, “Olha, joga um brilhaço ali”. Foi massa, que aprendi algumas coisas muito massa com eles mas, ao mesmo tempo eu terminava e falava assim: “Pô, não é meu trampo”. E aí tinha uma parada de assinar né, aí assinava o nome dos caras e o meu era o último e eu não queria assinar porque eu olhava e falava “Pô, não é meu trampo”. Né, eu não faria assim. Não quero fazer assim.

Sim.

E aí assinava meu nome. Foi até um dos motivos porque eu parei de assinar trampo. Porque eu olhava assim e falava: Pô, não é meu trampo, e além de tudo colocam meu nome por último ainda, eu sendo a única mulher, sabe? E ainda assinam meu nome. E aí eu parei de pintar com esses caras. São meus amigos até hoje, até a gente até brinca de vez em quando, se sacaneia né, porque... por causa disso.

E aí quando eu paro de pintar com eles, eu consegui fazer o meu... o meu trampo que não era dentro da técnica, que não... que tinha muita cor, também às vezes não tinha cor nenhuma. Mas eu olhava e falava: “Nossa, é meu trampo, tá saindo daqui, assim! Não tem... não tem...”

Referência...

A interferência do meio, como é que é, dos locais mas não tem a interferência, um olhar de artista, sabe? É meu. Às vezes não gostava, às vezes não gosto, que nem cheguei aqui e vi,

falei “Nossa, vou apagar esse trampo, vou apagar esse trampo” mas, é a minha verdade. Então eu acredito... eu acredito na arte desse lugar, sabe? Os artistas que eu admiro, são... são porque eu olho o trampo desses... dessas pessoas, acrescenta pra mim, me... me traz emoção e eu sinto verdade. Sabe, eu só acredito arte assim. Acho que é isso.

Sim.

Posso tirar umas fotos depois de vocês...

Pode, pode, pode! Só não queria que saísse o cigarro, as maconha, as droga tudo.

Sim, claro! Tranquilo!

Mas eu escondo a hora que você for tirar.

Sim. É... tem... você acabou já falando mas, em relação às opressões no dia a dia se você acredita... eu sei que é uma pergunta óbvia mas por ser quem você é...

Às vezes não, às vezes não.

A gente precisa pontuar...

Precisa ser didático, eu gosto de ser didática. Principalmente em espaços... aqui, hoje né? Quero ser didática hoje. Hoje eu tô sendo, desde o começo quando vocês chegaram, chegou uma mulher e falou assim “Você é a Dona Maria?” aí eu falei “Eu tenho perfil de Dona Maria né?” E ela “Não!”, porque é sempre assim, já me perguntaram várias coisas assim como se eu fosse responsável.

Sim.

Você entendeu? O estereótipo já tá aí, já tá aí. E eu já, acho importante, é... a gente pontuar no 1. Então eu venho nesse processo de pontuar no 1. Eu só sou exposta primeiro porque sou uma mulher negra, né? É... segundo porque eu sou o que a sociedade não quer ver que é uma mulher se assumir lésbica aos 50 anos. A sociedade não quer me ver. Eu sou a repulsa. Hoje eu sou atacada é... por isso a partir do meu convívio familiar. Lá na reportagem tá falando exatamente isso, e é exata... é real. Isso é real e está acontecendo comigo nesse exato momento... né... tô sendo atacada pela minha família também e... só sou atacada, por exemplo, se eu fosse lá Nenesurreal, mulher branca, sapatão, você acha que um cara ia expor essa mulher? Qual era a chance dele expor essa mulher? Quase nenhuma, quase nenhuma, né?

Que é importante, eu gosto de frisar que quando esse cara, essa treta da casa, ela... eu... eu fui representando uma coletiva de mulheres de Diadema, o Jardim Negra. Representando e não foi o meu trabalho, eu não fui enquanto Nenesurreal. Eu fui enquanto integrante desta coletiva de mulheres pretas de Diadema. Queria o quê?

O aniversário da Casa é no mesmo dia da mulher negra, caribenha, da América Latina. Não era nem pra gente ir pedir, era já pra ser oferecido, né? Pra nós, né? Mas a gente foi pedir, eu fui representando, em nome do coletivo pedir o quê, questionar o quê? O espaço das mulheres dentro desse dia, dentro da Casa do Hip Hop que era muito significativa, varias mulheres do coletivo faziam parte do Movimento Hip Hop, Rap, eu grafiteira, né? E outras mulheres que não faziam parte mas que são simpatizantes desse rolê. Foi isso, eu não consegui falar porque

eram mais de 32 homens, eu conto, eu erro na conta mas era muito homem, né, e uma mulher e eu não consegui falar.

Quando eu consegui falar, a frase que eu usei foi essa: “Vocês estão sendo machistas”. Aí os caras ficam ofendidos quando a gente fala “Você é machista”.

Não admite!

Porque machismo é isso...

Não reconhece...

Nós somos um país criado dentro de uma cultura...

Uma raiz!

Patriarcal, machista. E aí eu sou a mulher que reproduzo e tenho que trabalhar isso em mim e você é machista! É fato! Eu não tô te ofendendo.

É além de todas as pessoas, antes de todas as pessoas.

Sim mano, tá enraizado. Outro dia minha filha falando comigo... eu sou... poxa! eu criei minha filha pra ser... aí a gente conversando eu falei pra ela, eu: “Nossa, ainda bem que ele te ajuda!”. E ela: “Oi mãe?” Né? Eu falei: “Puts, nossa!” Na hora eu falei: “Não, não é nada disso”. É que tá tão... sabe?

Inculcado...

É! Que você acaba usando palavras que mano... “Como assim ele te ajuda? Faz a parte dele, a obrigação dele e eu ensinei isso pra ele!”. É isso, ela me cobrou no 1. Você tem que me cobrar no um, não interessa quem eu seja. Entendeu? Ramelou? É no “Ah, mana não tá legal essa fala sua, dentro desse contexto. Eu sou essa pessoa.

E aí quando eu... e eu comecei num processo de tirar máscaras, sabe Darlene? Tirar máscaras, as máscaras que eu vesti pra tá dentro do sistema, pra trabalhar no hospital. As máscaras que eu falo, são essa questão de alisar meu cabelo pra tá nesse espaço, de tá vestida adequadamente pra tá nesse espaço, de me comportar e usar... não pode falar gíria dentro desses espaços. Eu comentei a tirar essas máscaras porque isso não tava me fazendo bem, e eu queria realmente fazer o meu rolê. Quando eu tiro a máscara da questão de... não sei se eu vou falar corretamente, porque eu sempre... eu sou novinha nesse rolê sapatão e eu erro os termos. Mas essa questão de gênero, essa questão de... de... de me entender, o meu espaço né, o quem eu sou dentro desse espaço porque tô nesse conflito de máscaras. Quando eu falo “Eu sou lésbica, eu sou sapatão”. Nossa, eu fui atacada de várias maneiras, em vários espaços. E que, eu entendo isso. Espero que um dia fale “Você está errada.” que eu sou atacada também por ser lésbica, sapatão mas também porque sou uma mulher mais velha. E aí as pessoas acham que eu não tenho mais o direito de sentir desejo...

Que não tem mais a sexualidade...

É, morreu. Acabou. Né? Tá velha.

Mãe.

“Você tá louca!” É... e eu aposto que não! Tô vivona! Tô vivona! E por isso, por... é... me aceitar, que aceito o meu corpo, tenho toda a questão de aceitar meu corpo gordo também que já... eu não tô dentro desse padrão, de beleza. Mas eu tô me sentindo linda, gostosa. E aí quando eu chego assim, a sociedade: “Como assim? Você não tem o direito de assumir a sua sexualidade, não tem o direito de sentir bem, de gostar do seu corpo, de a todo momento você tá falando... “Tô te falando, você tem que ser magra, você tem que se embranquecer e eu... e eu nego, falo “Não, eu não aceito isso”. Então eu sou atacada por tirar as máscaras, mas eu não vou arregar, tá ligado. Não vou arregar, não vou arregar pra esse cara, não vou arregar pra sociedade, não vou arregar pra minha família, eu vou ser feliz! É isso. Sabe? Acho que é isso.

Sim, é... você já pontuou, mas a questão dessas barreiras e opressões dentro do Movimento, e se você acha... consegue identificar um elemento mais machista ou mais opressor.

Ui! Nossa senhora. É difícil mana. O Movimento Cultura Hip Hop ele é machista, eu não consigo... é... falar pra você qual que é mais ou qual que é menos porque eu acho que é... essa medida nem cabe né, porque, dependendo da onde... por exemplo, o dia que ele me ataca eu vou reagir de uma maneira, dependendo quem ele ataca... é... é... é... a pessoa ela vai, cada mulher vai agir de uma maneira... é... eu garanto uma coisa pra você, que o machismo dentro do Movimento Hip Hop ele é muito parecido com o machismo. Porque o racismo é aquela agulhinha né? Que é todo dia. E o machismo pra mim é isso, porque toda vez que você fala assim, é... “Você tá sendo machista”, a gente é tirada como louca até pelas pessoas que também acham que o rolê é machista. Porque tem um... um... uma coisa que acontece dentro desses movimentos das bandeiras que é assim, ó: “Até a página 2 eu sou feminista, passando daquela página... hmmm... dependendo... é... da quantidade de moedas que tem, eu sou feminista. Mas dependendo das moedas... é meu trampo.” Saca? É muito sutil, é muito sutil, né. É... mas, ao mesmo tempo, ele é violento das duas maneiras. O machismo e o racismo.

Desse ano... de uns quatro anos pra cá, eu venho percebendo algumas coisas. Algumas pessoas já estão falando “Eu sou racista”. Por exemplo, esse cara, o que ele fala é isso né? “Eu sou racista e eu sou machista. Mas eu não quero que você me aponte. Então eu vou contra atacar.” Porque eu tô sendo... hoje eu tenho pessoas que também pensam igual a mim. E essas pessoas que pensam igual ele, estão matando, estão se fortalecendo mais do que as pessoas que levantam as bandeiras dos movimentos, entendeu?

Então, por exemplo, esse cara que me ataca, ele tem mais força dentro do Movimento do que eu, porque de certa força ele tá passando pano pra ele...

Ele tem voz.

Ele tem voz, tão passando pano pra ele, ninguém cobrou ele mas eu tô sendo cobrada todo dia. Tô... Tenho que justificar que tipo de violência que o cara fez, né? Tenho que...

Justificar.

Ele fez, não interessa!

É... eu tenho que explicar, eu tenho que justificar a violência que o cara me cometeu. E o cara tá suave!

Pelo privilégio dentro do Movimento, porque ele é um homem dentro de um Movimento que é machista por essência.

Sim, sim!

E branco!

E branco! E as pessoas legitimam o rolê dele. Eu tô saindo como louca!

E ele ganha muito mais força reclamando do que você.

Eu tô saindo como louca! Que que você... ele mandou... eu não abri a mensagem, saca? Mas dá pra entender. “Fala aí Nene, o que você quer falar comigo”. “Eu maluco, quero falar com você!? Anos atrás eu ia cortar dois dedinhos de cada pé, mano, que é pra cada vez que você andar, você lembrar desse rolê. Cê entendeu? Porque você conseguiu fuder minha vida!” Um cara que não me conhece, que não conhece meu corre, que não sabe da minha história... ele conseguiu fuder... eu tô em 2018, eu não saí de lá ainda. O cara conseguiu mexer... é... fazer uma viravolta de 360 graus na minha vida assim... eu tava suave. Era pra tá de férias, tirando onda. Eu merecia essas férias, sabe? E o cara roubou a minha brisa. O cara roubou a minha brisa. E esse cara todo mundo tá passando pano pra ele, entendeu porque ele tá suave, ele... eu não consegui sair de casa, tive um processo muito louco de medo. O meu rolê é da rua, como é que eu vou ter medo de ir pra rua? Teve dia de eu demorar 4 horas pra eu chegar no meu portão, de eu tá pronta pra sair, e ficar rodando e não conseguir sair, sabe? De ficar dentro da minha casa com pânico de achar que alguém ia entrar... eu sou... a hora que esse cara quiser dependendo da forma que ele tiver acuado, porque ele já tá ligado que é isso, ele vai me cobrar em algum momento e eu não sei que tipo de cobrança... mas ele, tá suave. Ele deve estar de boa curtindo o rolê, deve tá com a cabeça massa...

Não é nem uma questão pra pessoa...

A minha tá queimando...

Todo dia, todo dia...

A minha tá queimando!

Quem sofre a violência não esquece né?

É muito louco! Mas assim, a gente sofre violências... a mulher preta ela... ela vai sofrer em qualquer lugar que ela tá. O que eu questiono é que eu tô dentro de um movimento que é de luta. Eu não tô dentro do movimento...

Contra opressões!

Sim, contra o sistema, contra opressões, e aí, esse movimento passa pano pro sistema, se alia, tem um capitão do mato que tá lá dentro, fazendo o papel do sistema, que oprime, então assim...

Qualquer migalha se rende...

Porque é um rolê, que é um rolê de ganhar edital sabe? Aí quem ganha edital aí só aquela pessoa ganha edital. Porque aquela pessoa é incrível, aquela pessoa...

Aí você olha e vai ler que pessoa que é essa né? E se ela não é branca, ela é capitão do mato. Porque não é... o nosso bagulho é pra ser assim ó, circular. Então hoje é a minha vez viu Darlene? Hoje eu vou fazer isso, vou ganhar essas moedas, vou lá, sendo linda e maravilhosa e amanhã é você.

Que é importante também! Eu vou rodar, cê entendeu? Eu tenho que tá.

É igual escolinha. Na escola quando a gente vai “Hoje é a vez do fulano apagar a lousa” né, “Amanhã...” é isso, que a gente tá falando. Eu entendo o Movimento Cultura Hip Hop assim. Se você não tiver bem, eu não vou tá. Eu não vou tá bem, não adianta! Eu não consigo, por exemplo, “Ai, tá Nene você tá sofrendo? Ó, eu vou tirar férias porque agora é final de ano, né você sabe. Aí quando eu voltar eu troco essa ideia com você, da sua dor, tá? Fica firme aí, viu? Firme mesmo! Eu tô com você!”

Vou ali e já volto!

“Eu tô com você!”

“Não Darlene! Eu posso até ir a gente tem direito... a gente precisa, né? Ter essa... esses respiro. Mas eu vou também cuidar de você de alguma maneira, sei lá que que eu vou fazer. Eu não vou só viajar aí quando eu voltar “Pensei tanto em você”. Porra, né?”

Que da hora né?

Valeu!

Tamo junto!

Então... é... sabe, tem que mudar. Então, os feminismos não tão dando conta, as bandeiras, a gente tem que começar de novo. Voltar todo mundo pra escolinha infantil, aí a gente começa de novo a pensar o que que é o rolê de você falar que você faz parte do Movimento, que você levanta uma bandeira. Como você... porque articular também é importante mas não é tão quanto a ação.

Nesse rolê, se eu não tivesse sido acolhida, tinha acabado pra mim. Eu tive dentro do não privilégio... Presta atenção pra não falar que eu sou mulher e que disse que sou uma mulher privilegiada. Não sou! Mas eu tive de ser ouvida. Eu gritei, as manas me ouviram. As manas vieram, várias manas de várias maneiras me acolheram. Eu fui acolhida de várias maneiras desse rolê. Por isso eu tô aqui trocando com você, por isso to aqui trocando ideia com você.

Sim.

Eu não estaria... né. Então eu fui acolhida de várias maneiras, por várias mulheres. Mas o Movimento me abandonou e aí, isso eu não vou esquecer. Porque esses Movimento, se ele me salvou, se ele salvou minha filha... minimamente tem que trocar ideia comigo. Pode até... não é pra concordar, não interessa. Mas você precisa me ouvir. Você... você tem obrigação de ouvir a minha dor. Se eu falo desse Movimento, se eu... eu carrego esse Movimento pra qualquer lugar que eu vou. Então, tá errado e eu vou cobrar, vou falar até o fim da minha vida. Enquanto eu tiver força, eu vou falar. E vou apontar, viu? Porque não é só falar “Ô mano...” eu vou apontar, sabe? Quem é o Movimento? Eu vou falar “Olha como você me abandonou, vem cá mana, tá vendo isso daqui? Não faz isso mano. Você compactua com quem tá me

causando dor. Então não faça isso, não faça. Então assim, Ou você é... porque não ser é... algumas pessoas podem não querer ser nada.

Só quer assunto, e pro Movimento.

Sim. Em alguns momento eu não dou conta, mas eu falei. Eu não te dei esperança, eu não vou dar esperança de uma... então eu falo assim “Mano, na boa, eu não dou conta de te fortalecer hoje.” Tá suave. Tá suave. Mas não finge que é, não finge que levanta bandeira, não finge que você é Movimento, que você fecha, é o tamo junto... não!

A pior violência é a de dentro né?

Sim.

De quem você não espera, de quem você acha que tá do seu lado.

Sim. E te abandona. É igual tipo barco, aí tem lá, sete mulheres.

Entrevistada 6: Aline Costa da Silva

Me fale por favor seu nome, idade e de onde você é.

Meu nome é Aline, tenho 22 anos e eu sou de Santo André, ABC.

Me conte sua trajetória no Movimento Hip Hop.

Então... o primeiro contato que eu tive com o Hip Hop foi através de um primo meu que fazia uns grafites, ele gostava muito de rap também e tal e ele que me introduziu assim desde pequenininha a cultura.

Ele é daqui?

Ele é de Santo André também, ele não mora mais aqui nessa casa mas na época a gente tinha mais contato. Aí passou um tempinho assim, e eu tinha uns 11 anos e eu comecei a dançar, fazer danças urbanas na escola mesmo, aí depois eu entrei pra uma igreja, comecei a fazer na igreja também, só que não durou muito tempo porque eu não tinha como ficar indo lá na igreja porque era muito longe da minha casa e tal, e a escola mesmo não oferecia, o curso eram os alunos mais velhos que se voluntariaram a ensinar a gente e tal, e aí eu perdi mais ou menos o contato com o hip hop. Aí depois na época de 2009, 2010 que surgiu o Emicida, Criolo, eu comecei a escutar rap de novo e comecei a ter vontade de rimar, eu já escrevia umas coisinhas assim mas bem bestinhas, de criança, mas aí eu não sabia que aquilo fazia parte também da cultura e tal, aí depois com 18 que eu fiz um curso técnico de enfermagem conheci o TR, ele é um MC aqui do ABC, organizador da Batalha da Matrix em São Bernardo e a gente formou nosso primeiro grupo de rap, o “Nova Safra”...e aí foi assim, vai fazer 4 anos que eu tô ativa mesmo na cultura, e é isso.

E qual a motivação... Você consegue identificar uma motivação para se tornar parte do movimento ou para se identificar agora com o rap especificamente, porque agora é só o rap para você?

Por enquanto. Na verdade minha família toda faz música, e pelo fato de eu sempre ter gostado

do rap assim, ninguém da minha família gosta, só eu e meu primo e foi uma forma de expressão para mim, foi onde eu conseguia me expressar mesmo e me identificar com outras pessoas que estavam fazendo a mesma coisa e tal, e foi essa motivação. Foi mais pela família que são todos músicos, e também a minha maneira de me expressar, sabe?

E o que o Movimento Hip Hop significa para você?

Ah, ele significa... nossa, é até difícil falar, a gente tá acostumada a responder mas cada hora é uma resposta diferente, sabe? Ele significa, salvar vidas, sabe? Porque muitas pessoas na periferia se salvam através do Hip Hop, através da batalha de rimas, batalha de dança, enfim, sabe? Esses movimentos culturais voltados pro Hip Hop. Esses eventos, aliás! Ele significa a arte da periferia, sabe? Tem o samba, tem o funk, tem o pagode, e a gente também tem o rap, ele é a nossa cara, sabe?

Agora, relacionando às opressões, você acredita que sofre opressões no dia a dia por ser quem você é?

Sim, muito! Quando eu me identificava como mulher principalmente, são níveis de recortes que a gente faz para identificar opressões e tal, mas quando eu me identificava como mulher muitas das oportunidades que eu via passar eram direcionadas aos meninos que faziam parte do mesmo grupo que eu, sabe? E eu ficava meio que de canto. Contratantes sempre se referiam a homens, nunca chegavam em mim pra falar, pra me pagar, procuravam sempre o homem pra fazer qualquer coisa, mesmo eu fazendo parte do grupo, e a gente não tinha um líder do grupo, não tinha um presidente, uma única pessoa que representasse, éramos nós quatro, isso no começo da Nova Safra. Eles, se referiam mais ao homem. Várias coisas assim, também porque o público não consome o rap de mulher, é muito, muito raro. São poucas mulheres que vivem bem, por exemplo posso citar Karol Conka, Flora Matos, pouquíssimos nomes. Se a gente colocar aqui em uma mão, ainda vai ser muito, as outras até tem uma visibilidade maior, conseguem sobreviver mas não chega a ser uma cena tão acolhedora pras mulheres quanto é pros homens cis, pros homens héteros cis. E eu acredito sim que tem uma invisibilização, também os estúdios, não sabem trabalhar com mulher, não sabem tratar voz de mulher, não tem paciência pra trabalhar com mulher, entendeu? É mais ou menos por aí assim

Eu digo opressões no dia a dia, você pessoa, e você dentro do movimento. Você pessoa, sem estar relacionada ao movimento, você sente essas opressões também?

Sim, sim! Principalmente agora que eu me identifico como não binário, assim, a minha mãe super me aceita, mas a partir do momento que eu coloco meu pé na rua as pessoas que antes me tratavam super bem, elas não conversam mais comigo, as pessoas acho que tem um pouco de medo, não sei o que acontece, mas é isso ninguém sabe como me identificar aí rola aquela piadinha, rola aquele negócio de virar a cara, então não só isso né. É que eu nunca fui agredida na rua, graças a Deus, Não por esse motivo, rola isso também. Enquadro, quando dou meu RG, eu falo que policial homem não vai me revistar, não vai encostar a mão em mim, aí eles falam “ah mas você não é homem, porque você está querendo agir igual uma mulher?”. É complicado assim.

E isso, como você citou, acontece também no Movimento? Fora as questões que você falou, ou algum outro sentido, se você sentia isso quando você dançava? Com o tempo

isso foi diminuindo? Ou por você estar acompanhada de homens, você batalhava também antes do grupo?

É...batalhava um pouquinho assim, depois do grupo na verdade... meu primeiro contato com o rap mesmo foi através do grupo Nova Safra, o primeiro, mas assim, esse machismo fica um pouco velado né - não sei se é essa a palavra - ele ficou meio discreto assim, porque quando as pessoas viram que eu comecei a me impor não só como grupo mas como Alinega, eu comecei a me impor, a impor aquele respeito, as pessoas ficaram mais assim. Mas como eu sou não binária, as pessoas me respeitam como um mano, entendeu? É tipo, desde sempre na verdade, eu me identificava como mulher mas sempre fui mais masculinizada e as pessoas sempre me tratavam como mano e como ando bastante com homem, a cultura é majoritariamente masculina, tanto no coletivo que eu faço parte sou a única pessoa diferente, só tem homem cis no grupo, aí as pessoas não apontam tanto, não me questionam, mas quando eu entrei nesse coletivo disseram que eu só tava no coletivo por ser uma cota, ou porque eu tava ficando com algum dos integrantes. O seu talento e o seu profissional é sempre questionado se você não for um homem cis.

Se você puder explicar essa questão do não binário e pontuar, falar o nome do grupo agora... desde quando você faz parte?

Vou começar falando do grupo...O nome do coletivo é O CRIME S/A é uma sigla: Organismo Criativo Rejeitado Inicialmente Mero Erro Sociedade Articulada. Eu fui chamada pra fazer um projeto de cypher em meados de 2017, e a gente se deu super bem, rolou uma sintonia com os meninos e eu já não estava mais com vontade de fazer rap porque eu saí muito desacreditado do Nova Safra e decidi seguir carreira solo e não demorou muito tempo eles me chamaram.

Em um dos rolês assim eles já tinha feito uma reunião pra falar sobre a minha entrada, porque eu já era uma pessoa que eles visavam há um tempo, e eles me chamaram pra fazer parte. Eu aceitei e fui super legal e entrou eu e mais um MC lá de BH que é o Crizin, e foi isso, desde então a gente vem trabalhando, criamos uma família mesmo, sabe? Mas a questão do não binário ainda é complexa na minha cabeça, faz pouco tempo que eu me assumi e porque eu realmente não sabia o que era a não-binariedade e quando cortei o cabelo no finalzinho de 2017, no último dia de 2017, eu fiquei com o cabelo bem curtinho, e as pessoas olhavam pra mim e pelo fato de eu ser muito magra as pessoas não sabiam o que eu era. Muitas pessoas que se diziam minhas amigas viravam a cara, aí logo depois arranjei um serviço, porque sou técnica em enfermagem, arranjei um home-care pra fazer e quando eu levava meu paciente para passear as pessoas ficavam olhando assim, não sabiam identificar muito bem, e eu ficava muito chateado, com aquilo, aquela situação, porque desde pequena eu sentia uma vontade de me modificar, não me identificava mesmo como mulher. Aí depois disso, eu não sei se você conhece a Anarka, também de SP, e ela me perguntou: “Você é mulher cis ou você é não-binário?” e eu falei “Sou mulher Cis”, porque eu não sabia o que era a não-binariedade, aí eu falei, “mas o que é a não-binariedade” e ela me disse “É você não se identificar nem com um gênero nem com outro, ou se identificar com os dois, o gênero pode ser fluído, existem diversos tipos de não-binariedade”. Eu fui descobrir um pouco de tempo depois e eu falei “Ah, acho que sou não-binária então, tem mais a ver comigo”. Pouco tempo depois eu conversei com a Issa Paz, agora Ipê, outro MC não-binário, aí eu comentei que eu ficava ofendido quando as pessoas não sabiam identificar, ficavam me chamando de homem, eu não gostava quando elas chamavam e ela disse que isso faz parte da não-binariedade, que se a

perguntas que as pessoas estão se fazendo, e não é nenhuma ofensa você não se identificar com o seu gênero, se você se aceitar você consegue lidar mais fácil com isso porque você não vai deixar de vestir as roupas que você veste, você não vai deixar de cortar o cabelo por causa das pessoas, então é isso. Se você acha que você não performa mais feminilidade, conheça um pouco sobre não-binariedade e acho que você vai ser mais feliz assim. E eu comecei a ler sobre, a pesquisar, e olhava no espelho e falava “Eu acho que isso!” sabe? E a pouco tempo me assumir como não-binário, não tenho ainda um outro nome, acho que não quero mudar, a única mudança mesmo que eu gostaria de fazer é os pelos faciais, a barba, mas só isso assim, sabe? Nome não tenho vontade de mudar.

Eu até pergunto porque é uma coisa que não é próximo a mim, até pra saber como me referir. Agora referente a produção artística, quais temas você costuma abordar? Antes quando você se identifica como mulher cis, os temas mudaram? Como era antes como antigo grupo e como é agora?

Então, no grupo eu tava bem aprendendo ainda a fazer rap, a saber técnicas de composição e tal então qualquer tema era tema, sabe? A gente abordava mais a questão de favela, voz da favela, na época eu sofria muito com crise de ansiedade, então abordava mais sobre isso nas minhas músicas, o que passa na nossa cabeça sendo uma pessoa periférica, ter de sobreviver, lidar com várias adversidades, colocava isso na minha música e também música de amor. E aí eu percebi que eu me dava melhor com música de amor, e eu falei “ah, vou fazer música de amor!”, aí fiz algumas músicas mas as minhas músicas solo retratavam também mais revolta política e tal, mas na época eu não tinha tanto conhecimento do feminismo também - eu conhecia, falava que era feminista mas tinha várias coisas pra desconstruir ainda, não tinha muita noção - aí, depois saí de lá e entrei no OCRIME, e no OCRIME a gente fala muito mais sobre sonhos, materialização de sonhos. Muita gente confunde com ostentação, e não é isso, é alquimia. É chamar que vem, sabe? E aí no meu solo canto mais por amor. Na época que eu me identificava como mulher cis eu fiz um EP chamado “Feita para ser amada” que inclusive ele tá pra sair no segundo semestre desse ano, e o “Feita para ser amada” aborda um pouco na solidão da mulher negra, que as pessoas nos veem como uma mulher muito difícil de ser amada, sempre a preterida, e o CD aborda o amor romântico também, na maioria das músicas, tem uma que já não e a última música eu falo “Eu sou o que eu quiser ser” e é o ponto de virada pra minha não-binariedade e que também não deixa de ser: Eu como um corpo preto sempre vou ser preterido né? E aí falo um pouco disso, inclusive te mostro se quiser.

Claro! E como vai ser o lançamento? Está pensando em um evento? Já tem planos ou é segredo?

Então, eu vou trabalhar nele a partir de março com uma pré-divulgação, fazer um documentário sobre ele, sobre as pessoas que participaram, e aí no segundo semestre, eu estava pensando em lançar no dia da mulher latino-americana e caribenha, mas já não sei se ele condiz muito com o lugar de fala, sabe? E aí, to pensando ainda e inicialmente vou lançar ele nas plataformas digitais, Youtube, Spotify, OneRPM, Deezer, essas coisas, e depois de um tempo pretendo fazer um evento de lançamento, quando o pessoal já tiver absorvido o disco, já tiver dissecado o disco, quando já estiver bem fixo as músicas na cabeça do pessoal, penso em fazer sim um evento, mas inicialmente nas plataformas digitais. Pretendo fazer um CD físico porque ele é um cartão de visita, mesmo que as pessoas não escutam muito, tem essa de “vou colocar aqui no carro” e tal. Acho que é importante.

Falando sobre o Hip Hop, você consegue identificar um dos elementos, pensando em dança, grafite, etc, algum em específico é mais machista? E porque?

Olha, eu tenho impressão que todos são, mas o fato do MC usar a fala, ele acaba sendo mais machista, porque uma vez que você fala uma coisa em uma música e você grava aquilo e tem milhares de pessoas ouvindo, isso vai propagar muito mais. Um DJ pode tocar uma música machista, o grafiteiro pode fazer um desenho que não seja muito daora, sabe? mas não sei, isso é mais difícil de acontecer. Nas batalhas de rima o pessoal já breca, fez uma rima que não condiz, pessoal desclassifica, e na internet, quando o MC chega a lançar - que foi o caso do NOG - ele fez uma música com apologia ao estupro, a internet caiu matando em cima dele, é lógico, por ele ser branco, ser homem não vai acontecer nada, e ele tá aí com a carreira intacta, mas acredito que esse meio é bem mais machista até porque os MCS são mais vistos como artistas do que o resto, entende? E por conta disso a gente tem um pouco mais de oportunidade do que os outros elementos, sabe? E aí você vai olhar o line de uma festa, por exemplo a cantora IAMDDB veio pro Brasil e poxa só tinha AltNiss pra abrir o show dela, sabe? E o resto eram todos homens e não tinha nada a ver com o som dela, o que era pra ser um evento voltado pra mulheres no palco, acabou se tornando um evento misto mas majoritariamente masculino, pra abrir o show de uma cantora internacional. Você vai ver o line das festas só tem homem e chega março eles querem ligar pra gente, entendeu? Comigo agora não sei como vai ser porque o dia da visibilidade trans já passou, vai chegar março e as pessoas que ainda não sabem do meu gênero podem até me chamar como sempre acontece, ou não. Podem ficar meio assim.

E você se sente acolhida nesses espaços, nesses eventos femininos? Eventos masculinos independente do ambiente, você se sente pertencente?

Então, a sensação de não pertencimento é bem presente mesmo, agora nos eventos feministas acho que não, me sinto mais em casa. É porque quando tem um evento que é majoritariamente masculino eu vou e eu cago e ando, tô acostumado, mas me sinto realmente acolhida nos eventos feministas, por exemplo teve um na caneta no batom lá em São José, e aí as meninas quando vinham conversar comigo perguntavam “Você gostaria que eu me referisse a no masculino ou feminino? Você é trans? Me explica, porque eu não quero falar uma cagada aqui”. Acho que no ambiente hétero normativo já não tem isso sabe? As pessoas estão muito na zona de conforto por mais que as pessoas héteros tentam trazer a desconstrução pras batalhas, busquem fazer pelo menos duas vezes por mês batalha de minas, tudo que não é do gênero masculino, entendeu?

É, por exemplo a Batalha da Matrix, quantas edições tiveram e quantas femininas...

É, isso, eu tento falar isso pra eles, são poucas, pouquíssimas e a da Batalha das Pistas, que elas fazem o circuito né, da batalha das minas, elas vão nas batalhas já onde rola o movimento, e aí é legal. O que acontecia no começo é que os caras ficavam putos, de falar “como assim eu não posso me inscrever? Como assim, elas podem se inscrever no dia que eu batalho”, mas as minas não se inscrevem no dia que eles batalham porque eles acabam desmerecendo total, desencorajando as minas com rimas machistas, e por isso que eu não batalhava muito, e também sou muito ruim de batalha, meu negócio é escrever, e muita mina talentosa se sente desencorajada por causa disso. E aí quando a gente vai por exemplo numa “Batalha Dominação”, as batalhas da mina nas pistas, que é um circuito que acontece uma vez

por mês, ficam aqui no ABC, lá em Mauá. E é isso, no ambiente feminino eu me sinto muito mais confortável do que no ambiente hétero mesmo sendo não-binário.

Você tem algo para complementar, quer falar algo mais sobre o Movimento, você, sua produção, ou qualquer coisa?

Então, eu estou em um processo de me descobrir, todos os dias quando acordo descubro uma coisa nova sobre mim, sobre o próximo também e não tenho mais problema nenhum com isso, sabe? Antigamente, quando eu não me aceitava, não sabia o que eu era, eu tinha muito problema com isso, mas depois, por exemplo ano passado, eu to deixando os pelos faciais crescerem, e fui passar as festas de fim de ano com a família do meu cunhado, e pensei “Poxa, acho que vou ter que tirar, eles vão ficar olhando, perguntando” e eu pensei “Espera aí...se eu tirar eu vou fazer com que eles queiram me respeitar pelo que eles querem que eu seja não pelo que eu sou!” E aí não tirei, eles não falaram nada, ninguém ficou me cutucando, e acho que essa postura que adotei faz as pessoas me respeitarem, porque eu me respeito. É isso! O “Feita para ser amada” vai marcar um ponto de virada na minha carreira, não porque vou ficar rica ou nada disso, mas porque vou lançar ele como Alinega ainda, porque as letras estão todas no feminino, com pronome feminino, e aí depois dele encerra-se essa fase e eu começo a dar andamento na minha nova fase. Vocês ainda vão acompanhar essa mudança constante

E um dos sons é o que você fez com a Brisa, ou não?

Isso, e ela também é um MC excelente assim, indiazona, mãe de quebrada, sabe? E esse é um dos motivos pra ela também estar no CD. Porque ela é de uma representatividade muito foda pra mim, o som dela, e esse é um dos motivos. E quem faz parte também é a RaiTomas que é uma poetisa lá de Diadema se não me engano, ela organiza o Slam da Central, e também o MGO, um amigo meu, preto, integrante do coletivo também, pela representatividade de homem preto também, que tem várias questões, e é muito difícil homem preto falar de amor, quando eu dei a música pra ele fazer ele falou ”Nega do céu, eu não consigo, não tô conseguindo” e a música ficou linda sabe? É muito difícil pra eles falarem de amor, quebrar aquela postura de “Não, tenho que ser machão, durão”. Eles acabam sendo muito animalizados, os corpos deles, e aí conseguir quebrar isso, eu dei exatamente pra ele conseguir quebrar isso, porque ele é uma pessoa assim sensível e não deixa isso transparecer por diversas questões desde pequeno. E é isso assim, o “Feita para ser amada”...

